

OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

ISSN 1645-653X
E-ISSN 2184-173X



OPHIUSSA



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



LETRAS
LISBOA

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



CENTRO DE ARQUEOLOGIA
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA

uniarq

OPHIUSSA. Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

Publicação anual

Volume 3 – 2019

Direcção e Coordenação Editorial:

Ana Catarina Sousa
Elisa Sousa

Conselho Científico:

André Teixeira (Universidade Nova de Lisboa)
Carlos Fabião (Universidade de Lisboa)
Catarina Viegas (Universidade de Lisboa)
Gloria Mora (Universidad Autónoma de Madrid)
Grégor Marchand (Centre National de la Recherche Scientifique)
João Pedro Bernardes (Universidade do Algarve)
José Remesal (Universidade de Barcelona)
Leonor Rocha (Universidade de Évora)
Manuela Martins (Universidade do Minho)
Maria Barroso Gonçalves (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa)
Mariana Diniz (Universidade de Lisboa)
Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
Xavier Terradas Battle (Consejo Superior de Investigaciones Científicas)

Secretariado: André Pereira

Capa: André Pereira sobre amuleto de osso de Mirobriga (desenho de Filipe Sousa).

Revisor de estilo: Francisco B. Gomes

Paginação: Elisa Sousa

Impressão: Europress

Data de impressão: Dezembro de 2019

Edição impressa (preto e branco): 300 exemplares

Edição digital (a cores): www.ophiussa.letras.ulisboa.pt

ISSN: 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

Depósito legal: 190404/03

Copyright © 2019, os autores

Edição: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, 1600-214 – Lisboa.
www.uniarq.net - www.ophiussa.letras.ulisboa.pt - uniarq@letras.ulisboa.pt

Revista fundada por Victor S. Gonçalves (1996).

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi opção de cada autor.

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UID/ARQ/00698/2013.

ÍNDICE

CÉSAR NEVES - <i>O Neolítico Médio em Portugal: percurso de investigação</i>	5
SEBASTIÁN CELESTINO PÉREZ - ESTHER RODRÍGUEZ GONZÁLEZ - <i>El santuario de Cancho Roano C: un espacio consagrado a Baal y Astarté</i>	27
JOÃO PIMENTA - CARLOS TAVARES DA SILVA - JOAQUINA SOARES - TERESA RITA PEREIRA - <i>Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos</i>	45
GIL VILARINHO - <i>A terra sigillata do Castro de Romariz (Santa Maria da Feira, Aveiro): da romanização ao abandono de um povoado fortificado no Noroeste Peninsular</i>	81
ANA MARGARIDA ARRUDA - <i>Ânforas da Quinta do Lago (Loulé, Portugal): as importações</i>	93
FILIPA ARAÚJO DOS SANTOS - <i>Estudos sobre a cerâmica comum da Oficina de Salga 1 de Tróia (Grândola, Portugal): contextos da primeira metade do século V</i>	111
CATARINA FELÍCIO - FILIPE SOUSA - <i>Dois amuletos em osso de Mirobriga - evidências do culto de Magna Mater?</i>	133
TÂNIA MANUEL CASIMIRO - SARAH NEWSTEAD - <i>400 years of water consumption: early modern pottery cups in Portugal</i> ..	145
JOAQUINA SOARES - LÍDIA FERNANDES - CARLOS TAVARES DA SILVA - TERESA RITA PEREIRA - SUSANA DUARTE - ANTÓNIA COELHO-SOARES - <i>Preexistências de Setúbal: intervenção arqueológica na Rua Vasco Soveral 8-12</i>	155
RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS (textos de António F. Carvalho, Victor S. Gonçalves, Francisco B. Gomes, Carlos Pereira, Jesús Acero Pérez e Carmen R. Cañas).....	185
IN MEMORIAM - PEDRO MIGUEL CORREIA MARQUES (1979 - 2019) (texto de Amílcar Guerra).....	211

OPHIUSSA

VOLUME 3, 2019, PÁGINAS 155-183. SUBMETIDO A 28.05.2019. ACEITE A 28.08.2019.

PREEXISTÊNCIAS DE SETÚBAL: INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NA RUA VASCO SOVERAL 8-12

SETÚBAL PRE-EXISTENCES: ARCHAEOLOGICAL EXCAVATION AT VASCO SOVERAL STREET 8-12

JOAQUINA SOARES¹
LÍDIA FERNANDES²
CARLOS TAVARES DA SILVA¹
TERESA RITA PEREIRA¹
SUSANA DUARTE³
ANTÓNIA COELHO-SOARES³

RESUMO

Dão-se a conhecer os principais resultados de uma intervenção arqueológica no Centro Histórico de Setúbal, Rua Vasco Soveral, 8-12, realizada durante o segundo semestre de 2018, no âmbito do projecto de investigação *Preexistências de Setúbal* da responsabilidade do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS).

Foi possível obter a sequência estratigráfica integral da presença humana no lote em apreço, a qual abrangeu uma extensa diacronia, desde a Idade do Ferro orientalizante até à Contemporaneidade, passando pela Época Romana, Idade Média islâmica e cristã e pela Época Moderna. Destaca-se, pela relevância da cultura material, a ocupação da Época Romana.

Palavras-chave: centro histórico de Setúbal, Idade do Ferro orientalizante, Época Romana, Idade Média islâmica e cristã, Épocas Moderna e Contemporânea.

ABSTRACT

The results of the archaeological excavation carried out in the historic centre of Setúbal, 8-12 Vasco Soveral Str., during the second semester of 2018, are presented in this paper and integrates the research project *Pre-existences of Setúbal*, developed by the Museum of Archaeology and Ethnography of the District of Setúbal (MAEDS).

The complete cultural stratigraphic sequence of this site covered a long diachrony from the Orientalizing Iron Age to the Contemporary Age through the Muslim and Christian Middle Ages and the Early Modern Age too. The occupation of the Roman period stands out for the relevance of its material culture.

Keywords: historic centre of Setúbal, Orientalizing Iron Age, Roman Age, Muslim and Christian Middle Ages, Modern and Contemporary Ages.

1 - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS/AMRS) e Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ). joaquinasoares1@gmail.com; ctavaressilva@gmail.com; teresa.rita.pereira@gmail.com; cea.maeds@amrs.pt

2 - Museu de Lisboa – Teatro Romano / EGEAC (CML). lidiafernandes@egeac.pt

3 - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS/AMRS). cea.maeds@amrs.pt

1. INTRODUÇÃO

1.1. O PROJECTO “PREEXISTÊNCIAS DE SETÚBAL”

A intervenção arqueológica nos n.ºs 8-12 da Rua Vasco Soveral (RVS, 8-12), em Setúbal, integra-se no projecto do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS) sobre as Preexistências de Setúbal (Soares 2018a).

A informação coligida até ao momento no âmbito deste projecto abrange aspectos quer de paleogeografia física quer respeitantes à evolução da ocupação humana do casco histórico de Setúbal.

Durante grande parte do Holoceno, até cerca do final do IV milénio a.C., a baixa de Setúbal estaria submersa por extenso braço de mar, que se localizava entre o actual Largo da Misericórdia e o que é hoje a zona oriental do bairro de Troino (Coelho 1980, Soares - Tavares da Silva 2018a), prolongando-se para norte através do leito da Rib.^a do Livramento.

Na passagem do III para o II milénios a.C. ter-se-ia iniciado a formação de uma restinga que, partindo da base da Colina de Santa Maria (sector nascente do Largo da Misericórdia), se estendia para oeste.

Durante a Época Romana, a extremidade livre dessa restinga teria atingido o limite ocidental da actual Praça de Bocage, e no período Medieval Islâmico ter-se-ia prolongado pela área que actualmente corresponde aos arruamentos de Bocage e Sapateiros. A sul era banhada pelas águas da baía, coincidindo a sua margem sensivelmente com o lado setentrional da Avenida Luísa Todí; a norte, confinava com área pantanosa herdeira do antigo esteiro. Esta configuração paleogeográfica irá manter-se, sem grandes alterações, até ao século XIV, época a partir da qual se assiste ao início da secagem daquele ambiente pantanoso (Duarte - Soares - Tavares da Silva 2014, Soares - Tavares da Silva 2018a).

No que respeita à evolução da ocupação humana, os trabalhos promovidos pelo MAEDS deram a conhecer, em 1986, o primeiro povoado estável do casco histórico de Setúbal que, remontando ao século VIII a.C., se localizava na Colina de Santa Maria, à época uma península banhada a sul pelas águas da baía e a oeste e noroeste pelo referido esteiro. Tratava-se de grupo humano do Bronze final com o qual irão contactar e interagir navegadores/comerciantes fenícios ocidentais, no âmbito do processo de expansão do empório comercial de *Gadir*. O sal que poderia ter sido explorado nos esteiros que envolviam a norte o povoado seria muito provavelmente de grande interesse para os mercadores fenícios.

Tenha-se presente que essa exploração persistiu até ao século XV (Tavares da Silva 1989). Da interacção económica e miscigenação sociocultural nasceria uma comunidade orientalizante que, entre os séculos VII e V a.C. habitará aquela colina (Soares - Tavares da Silva 1986, Tavares da Silva *et al.* 2014, Tavares da Silva 2018a, Tavares da Silva - Coelho-Soares - Duarte 2018).

Do século I ao século V d.C. ocorre a segunda grande fase da história da ocupação humana de Setúbal, ou seja, a correspondente ao período da colonização romana.

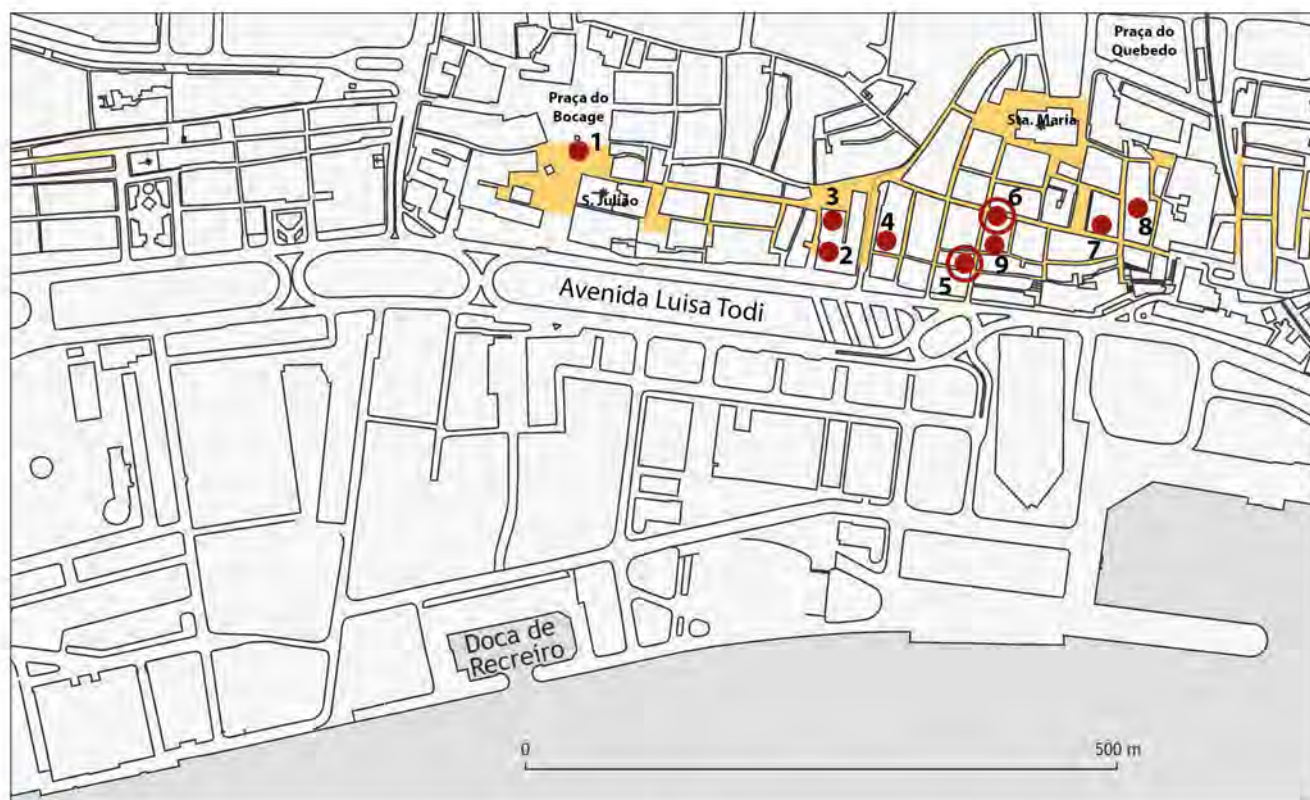
Os vestígios da Setúbal Romana ou *Caetobriga* distribuem-se geograficamente por dois núcleos: o de Santa Maria - São Julião, a nascente (inclui a necrópole da Ladeira de São Sebastião), onde a actividade arqueológica do MAEDS tem sido mais intensa, e o de Troino, a poente, mal conhecido, separado do primeiro pelo antigo esteiro da Ribeira do Livramento.

O núcleo oriental dividia-se funcionalmente em três subnúcleos: um fabril, especializado na produção de preparados de peixe, localizava-se ao longo da restinga; outro, na Colina de Santa Maria, de carácter habitacional, onde já foram identificadas *domus* com pavimentos musivos, um edifício público e monumental e, na zona de cota mais elevada, cisterna de grandes dimensões que forneceria água à povoação (Tavares da Silva - Coelho-Soares 1980-1981, 2014, Tavares da Silva - Coelho-Soares - Soares 1986, Tavares da Silva 1996, Tavares da Silva - Soares - Wrench 2010, Tavares da Silva *et al.* 2010, 2014, Tavares da Silva - Coelho-Soares - Duarte 2018); um terceiro subnúcleo, sepulcral, no que é hoje a Ladeira de São Sebastião (Tavares da Silva 1966).

A área fabril funcionou plenamente, com recurso a economias de escala e produções embaladas em um único tipo de ânfora (forma Dressel 14), na segunda metade do século I e no século II d.C.; durante o Baixo Império verifica-se o abandono ou a fragmentação das unidades produtivas e a embalagem das produções em distintos tipos anfóricos (formas Almagro 50, 51c e 51a-b, Sado 1, 2 e 3) - diversificação das produções?

Na Alta Idade Média, a povoação encontra-se em franco declínio e em fase de acentuada desurbanização, com ocorrência de necrópole em área anteriormente habitada (Soares 2018b).

Do período Medieval Islâmico têm vindo a ser exumados numerosos vestígios de ocupação habitacional quer na encosta sul da Colina de Santa Maria, sobranceira à baía, quer ao longo da margem



■ Distribuição dos vestígios romanos segundo J. Marques da Costa, 1960

● Principais contextos arqueológicos com ocupação romana escavados e publicados pelo MAEDS

⊙ Vestígios de mosaicos romanos

1 - Praça do Bocage; 2 - Travessa Frei Gaspar; 3 - Largo da Misericórdia; 4 - Travessa de João Galo; 5 - Rua António Joaquim Granjo; 6 - Rua Arronches Junqueiro nº 73-75; 7 - Rua Arronches Junqueiro nº 32-34; 8 - Rua Francisco Augusto Flamengo; 9 - Rua Vasco Soveral nº 8-12.

Fig. 1 - Localização do lote 8-12 da Rua Vasco Soveral na planta da área urbana de Setúbal.

meridional da restinga, desde o Largo da Misericórdia à Rua do Bocage/Rua dos Sapateiros. Nesta época, a zona norte da restinga, insalubre, pois confinava com a área pantanosa, seria constituída por hortas e pomares. Só na Baixa Idade Média (século XIII e parte do século XIV), com o aumento demográfico entretanto verificado, essa zona é também habitada, sendo os lixos domésticos lançados directamente para o sapal (Duarte - Soares - Tavares da Silva 2014).

Recentemente, o MAEDS procedeu à escavação de parte de uma necrópole islâmica. Situava-se no cume e vertente norte da Colina de Santa Maria (Tavares da Silva *et al.* 2010, 2014).

Da fase de transição do Período Medieval Islâmico para o Cristão têm sido postos a descoberto, pelas escavações do MAEDS, cais palafíticos situados na margem sul da restinga (Soares - Tavares da Silva 2018b).

1.2. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NA RUA VASCO SOVERAL

A presente intervenção arqueológica ocorreu no âmbito de programa de reabilitação de imóvel, no Centro Histórico de Setúbal, com conservação de fachadas, nºs 8-12 da Rua Vasco Soveral (figs. 1 e 2) e a construção de cave, o que permitiu a escavação integral da respectiva área, com cerca de 23m², até ao substrato geológico, a uma profundidade de cerca de 2,5m a partir da cota da soleira, com aprofundamentos que atingiram os 3m. Estimamos ter escavado cerca de 58m³ de sedimentos. Seguiu-se o método estratigráfico, com registo tridimensional e crivagem da totalidade dos sedimentos através de malha de 4mm de lado. O espaço a escavar foi quadriculado em unidades de 1m² (Q.) a partir de sistema de eixos ortogonais, cujo ponto de origem se localizou no vértice NE do lote. Os eixos foram



Fig. 2 - Fachada, meridional, do edifício 8-12 da Rua Vasco Soveral.

divididos em segmentos de 1m, definidos por letras maiúsculas no sentido N-S e por algarismos árabes, no sentido E-W.

2. ESTRATIGRAFIA

Foi possível obter uma muito desagregada sequência estratigráfica, com apreciável variação lateral no que à época Romana respeita, e balizada cronologicamente pela tipologia da cultura material (Fig. 3):

C.1A - Piso actual em mosaicos cerâmicos, com cerca de 0,4 cm de espessura.

C.1B - Sub-base de cimento (betonilha) para assentamento do piso da C.1A, com cerca de 0,8 cm de espessura.

C.1C - Piso de mosaicos hidráulicos datado de meados a finais do século XX; padrão floral geometrizado, nas cores vermelho escuro e amarelo; espessura de 3 cm.

C.1D - Sub-base de cimento (betonilha) para assentamento do piso de mosaicos hidráulicos; com cerca de 4 cm de espessura.

C.1E - Nível de regularização. Sedimento argiloso acastanhado. Arqueologicamente estéril. Espessura 10 cm.

C.2A - Piso de soalho com caixa de ar. Conservaram-se algumas tábuas de madeira, bem como a grelha da estrutura de assentamento do tabuado do soalho; espessura cerca de 3 cm.

C.2B - Sedimento areno-argiloso de coloração cinzento-acastanhada com cerca de 25 cm de espessura. Forneceu alguns fragmentos de cerâmica de construção, peças esqueléticas de roedores. Foram ainda recuperados gargalos de vidro, fragmentos de cerâmica datada do século XVIII e XIX-XX, nomeadamente tijela de faiança de Sacavém já do século XX (fig. 23, nº 1), pregos de ferro e um numisma de 10 centavos de 1926 que fornece um *terminus post quem* para a construção do piso de soalho.

C.3A - Pavimento em tijoleira (fig. 4). As dimensões das tijoleiras variam entre os 30, 31 e 32 cm de comprimento, 15 cm de largura e 3 cm de espessura. Este piso apresentava vários rombos, de maior ou menor dimensão (entre os 15 e os 60 cm de diâmetro), que se encontravam preenchidos por

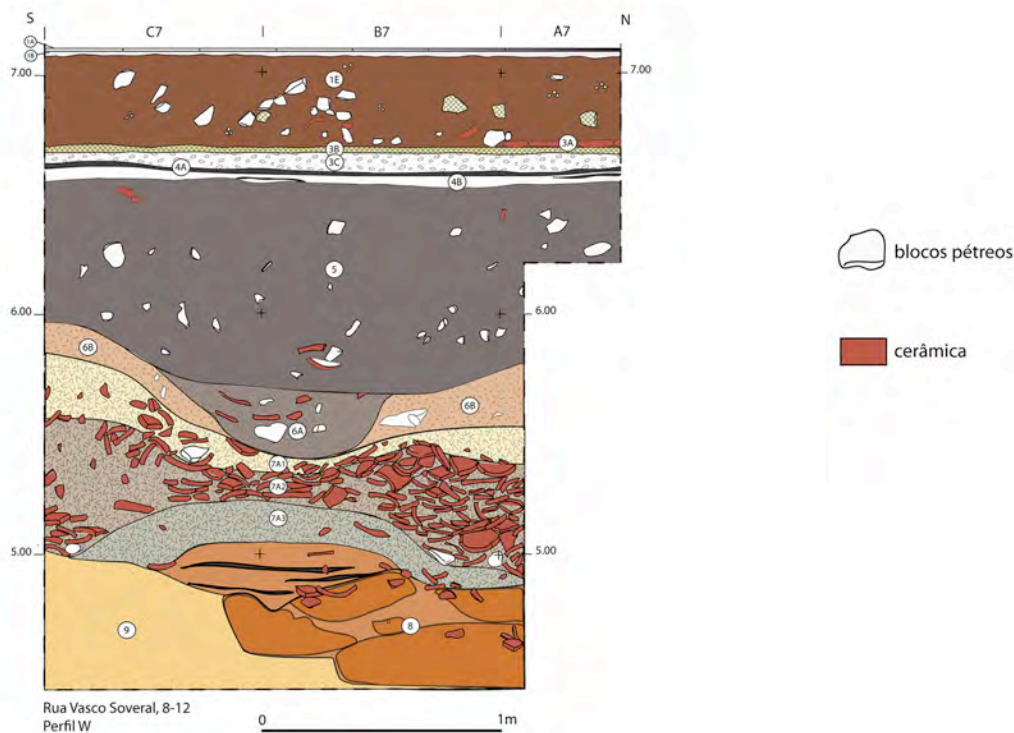
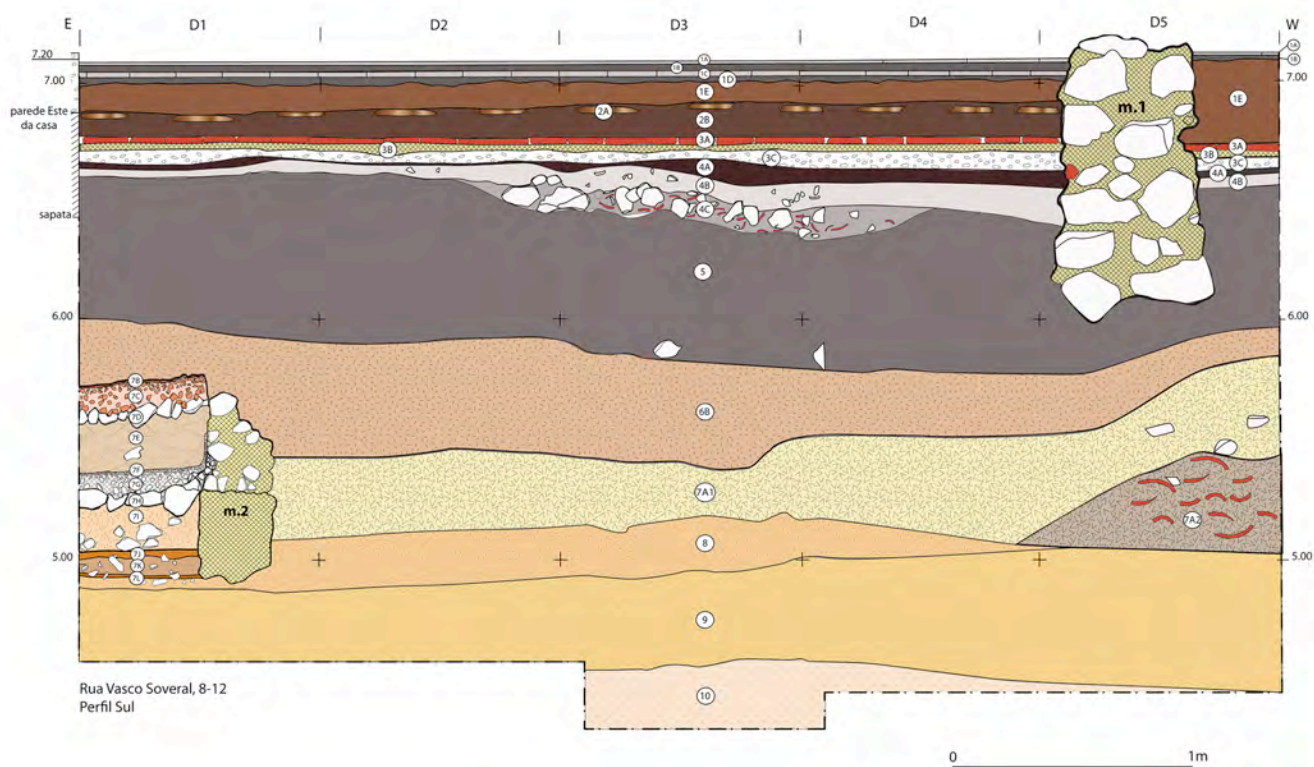


Fig. 3 - Rua Vasco Soveral, 8-12. Perfis estratigráficos sul e oeste. Levantamento de Júlio Costa.

argamassa de coloração amarelada, idêntica à utilizada no assentamento das tijoleiras. Entre elas e na respectiva argamassa de ligação não foram recuperados materiais arqueológicos datantes.

Estava em conexão com o muro 1 (=m.1) e as paredes do edifício em reabilitação.

C.3B - Sub-piso de preparação do assentamento

das tijoleiras, composto por uma camada de aproximadamente 10 cm de argamassa de cal e areia, de coloração amarelada, praticamente estéril, com exceção de raros fragmentos de cerâmica e de gargalos de vidro.

C.3C - Sedimento areno-argiloso solto de coloração castanho-acinzentada, com uma espessura média de 10-15 cm. Nesta camada foram recuperados fragmentos de escudelas carenadas esmaltadas a branco estanífero, majólica da Ligúria com esmalte “berettino” e porcelana chinesa da dinastia Ming, com cronologias de finais do século XVI a inícios do século XVII (fig. 22) e numisma de 10 réis de bronze de D. António I (1580-1583) (Vaz - Salgado 1987/1988: 246).

C.3D (sem expressão nos perfis sul e oeste da fig. 3) - Depósito areno-argiloso castanho escuro, embalando blocos pétreos de médias e pequenas dimensões, fragmentos de cerâmica de construção e abundantes fragmentos de cerâmica, bem como de fauna mamalógica, carcinológica (Decapoda) e malacológica (*Phorcus lineatus*, *Stramonita haemastoma*, *Mytilus* sp., *Ostrea* sp., *Solen marginatus*).

C.4A - Pavimento de argamassa branca com cerca de 5 a 20 cm de espessura. Continha alguns carvões e o seu topo apresentava fragmentos de cerâmica comum, de cozinha, de época moderna e cerâmica atribuível a finais do século XVI (fig. 21). Foi possível observar a associação deste piso ao m.1, uma vez que a argamassa branca serviu não só enquanto pavimento, mas também de revestimento parietal. Esta camada deverá corresponder ao primeiro piso do edifício em reabilitação, provavelmente datado dos finais do século XVI.

C.4B - Depósito de regularização com argamassa branca compacta, escassos blocos pétreos, fragmentos de cerâmica de construção e alguns fragmentos de recipientes cerâmicos; espessura 4-20 cm.

C.4C - Depósito de enchimento rico em blocos pétreos de médias e pequenas dimensões e fragmentos de cerâmica de construção embalados em sedimento areno-argiloso castanho escuro em resultado da presença de lixos domésticos, com fauna mamalógica, carcinológica (Decapoda) e malacológica (*Phorcus lineatus*, *Stramonita haemastoma*, *Mytilus* sp., *Ostrea* sp., *Solen marginatus*). Presença de fragmentos

de cerâmica atribuível aos séculos XV-XVI (fig. 20); espessura cerca de 30 cm.

C.5 - Paleossolo. Sedimento argiloso, de coloração castanha escura em resultado da presença de matéria orgânica, com blocos pétreos de médias e pequenas dimensões. Continha alguma fauna mamalógica, algumas peças esqueléticas de peixe e abundantes conchas de moluscos marino-estuarinos. Registrou-se a presença de materiais cerâmicos do século XV (fig. 19) e resultantes de revolvimentos de camadas mais antigas: fragmento de panela islâmica e de cerâmica decorada com corda seca total, cerâmica comum (*dolium*) e de construção romana, e fragmentos de mármore de revestimento parietal romanos; espessura máxima cerca de 1 m.

C.6A - Sedimento areno-argiloso castanho escuro com fragmentos de cerâmicas islâmicas atribuíveis aos séculos XI-XII (fig. 18) e alguns fragmentos de cerâmica de construção romana remobilizados de camadas inferiores. A fauna ictiológica e malacológica surge também em grande quantidade. Este depósito possui a configuração de uma bolsa de planta ovalada com cerca de 1,5 m de diâmetro e 60 cm de profundidade máxima, tendo cortado a camada 6B.

C.6B - Sedimento de origem coluvionar, arenoso, castanho-médio com alguns fragmentos de cerâmicas islâmicas e da época romana, e alguma fauna malacológica e ictiológica; espessura máxima cerca de 45 cm.

C.7A - Espesso depósito areno-argiloso de cor castanho-escuro a castanho-amarelada clara, com cerca de 1 m de espessura máxima, formado entre finais do século IV e século V. Constituíam-no entulhos ricos em fragmentos de *imbrices* (2,4 toneladas) (Quadro 2), *tesselae*, cerca de dois milhares (Quadro 1), fragmentos de argamassas e estuque. Surgiram também fragmentos de recipientes de cerâmica, exclusivamente romanos (do Alto ao Baixo Império): cerâmica comum, ânforas, *terra sigillata* itálica, sudgálica, africana A, africana C e africana D, bem como um numisma de liga de cobre de Constâncio II, cunhado entre 355 e 361 d. C. (Crawford 1974); fauna mamalógica e malacológica muito dispersa. Esta camada formou-se contra a parede externa de tanque ou tina (m.2) e instalou-se em fossa aberta no substrato geológico. Foi possível distinguir quatro subcamadas na zona mais espessa (Qs. A-B-C/5-6-7):

C.7A1 - Sub-camada areno-argilosa de cor castanho-amarelada clara com materiais exclusivamente de época romana, que cobria uma massiva acumulação de *imbrices*. Aqui foi recuperado um fragmento de *imbrex* com marca impressa completa P O C (fig. 12, n.º 1154). Também foram exumados fragmentos de cerâmica de construção, cerâmica comum, ânforas, estuques de revestimento parietal e *tesselae*. Esta camada apresenta uma espessura entre os 7 e os 20 cm.

C.7A2 - Entulheira de ímbrices, estando também presentes algumas *tegulae*, tijoleiras, tijoleiras de quadrante e de *suspensurae*, fragmentos de cerâmica comum romana, *tesselae*, fragmentos de estuque, de mármores de revestimento (branco e verde *cippolino*) e raros blocos pétreos. Nesta camada foram recuperados dois fragmentos de *imbrex* com marca de oleiro em cartela sub-retangular e três signos alfabéticos sem pontuação que deverão representar um *tria nomina latino* P O C (fig. 12, n.º 29 e 1120). Nos quadrados B6-7 foi encontrado um outro fragmento de *imbrex* com marca impressa em cartela - L[...] - muito incompleta, semelhante à LPFV (Fig. 12, n.º 40). Junto a este fragmento de *imbrex* surgiram dois numismas de liga de cobre, de Valentiniano II, cunhados de 378 a 383 d. C. (Crawford 1974), bem como fragmentos de ânforas Almagro 51c, variante C e Almagro 51 a-b. A espessura desta camada alcança 60 cm.

C.7A3 - Subcamada areno-argilosa de cor castanho-acinzentada com fragmentos de estuques, alguns com pintura de bandas vermelhas, argamassas, fragmentos de *opus signinum*, *imbrices*, *tegulae*, tijoleiras, algumas de quadrante e de *suspensurae*, fragmentos de cerâmica comum romana, ânfora Almagro 51c, variante C e fauna mamalógica, ictiológica e malacológica (*Mytilus* sp., *Ostrae* sp., *Ruditapes decussatus*). Junto ao perfil norte, no Q. B6, foi recolhido um fragmento de *imbrex* com marca que termina em C (fig. 12, n.º 65), devendo corresponder à marca identificada na subcamada anterior - POC -, bem como um numisma do imperador Valentiniano II (378-383 d.C.) (Crawford 1974). Espessura máxima 20 cm.

C.7A4 - Sedimento areno-argiloso de coloração castanho-avermelhada de média compactação e que poderá ter resultado de combustão *in loco*. Apresenta ainda alguns blocos pétreos calcários, lajes de mármore, materiais de construção, fragmentos de

terra sigillata. Nesta camada foi recuperado um capitel de calcário corintizante, com vestígios de argamassa aderente, bem como um fragmento de *imbrex* que apresenta uma marca impressa semelhante a outras provenientes das subcamadas superiores - LPFV (fig. 12, n.º 1265). Espessura máxima 60 cm.

A desmontagem de troço do m.2 (limite este da área escavada) permitiu obter informação mais fina sobre a diacronia da ocupação romana do local, bem como a contextualização dos materiais do Alto-Império redepósitos na estrutura de rejeição a que respeitam as Cs. 7A1 a 7A4:

C.7B - Sedimento areno-argiloso de cor castanho-alaranjada, com 1 a 2 cm de espessura, assente sobre o piso de provável tanque. Nesta camada foi encontrado fragmento de bordo de ânfora Almagro 51c, variante C.

C.7C - Piso de *opus signinum*, com cerâmica grosseira e argamassa de cal e areia na sua composição e uma espessura aproximada de 10 cm.

C.7D - Enrocamento para assentamento do piso de *opus signinum*, constituído por blocos calcários e de brecha da Arrábida. Espessura entre 10 e 15 cm.

C.7E - Sedimento areno-argiloso de cor amarelada, praticamente estéril. Espessura de aproximadamente 40 cm.

C.7F - Piso e revestimento parietal de *opus signinum* de excelente qualidade e alisamento, composto na sua maioria por argamassa branca e calcário moído. Espessura de aproximadamente 2 cm.

C.7G - Cerne do piso de *opus signinum*, constituído por seixos rolados de pequena dimensão. Espessura cerca de 5-6 cm.

C.7H - Enrocamento para suporte do primeiro piso de *opus signinum*, constituído por blocos calcários e de brecha da Arrábida de médias dimensões. Espessura entre 15 e 25 cm.

C.7I - Sedimento areno-argiloso de cor acastanhada, com alguns blocos calcários de médias dimensões, com uma espessura de aproximadamente 40 cm. Foram recuperados nesta camada: dois fragmentos de ânfora Dressel 14, um prego de ferro e fragmento de bordo de tacho de cerâmica comum romana.



Fig. 4 - Rua Vasco Soveral, 8-12. Plano das camadas associadas ao muro 1 com piso de tijoleira (C.3A). Levantamento de Júlio Costa e Teresa Rita Pereira.

C.7J - Sedimento areno-argiloso de cor castanho-alaranjada, compactado, com fragmentos cerâmicos inclassificáveis. Espessura 4-6 cm.

C.7K - Sedimento areno-argiloso de cor castanho-amarelada que continha alguns blocos calcários de pequenas dimensões, fragmentos de cerâmica de construção romana e outros fragmentos cerâmicos

inclassificáveis. Espessura média de 15 cm.

C.7L - Sedimento areno-argiloso de coloração castanho-alaranjada; nível de pisoteamento utilizado a quando da construção do muro 2. Espessura 2-4 cm. Forneceu um arranque de asa de ânfora Dressel 14.

C.8 - Sedimento de origem coluvionar arenoso, de

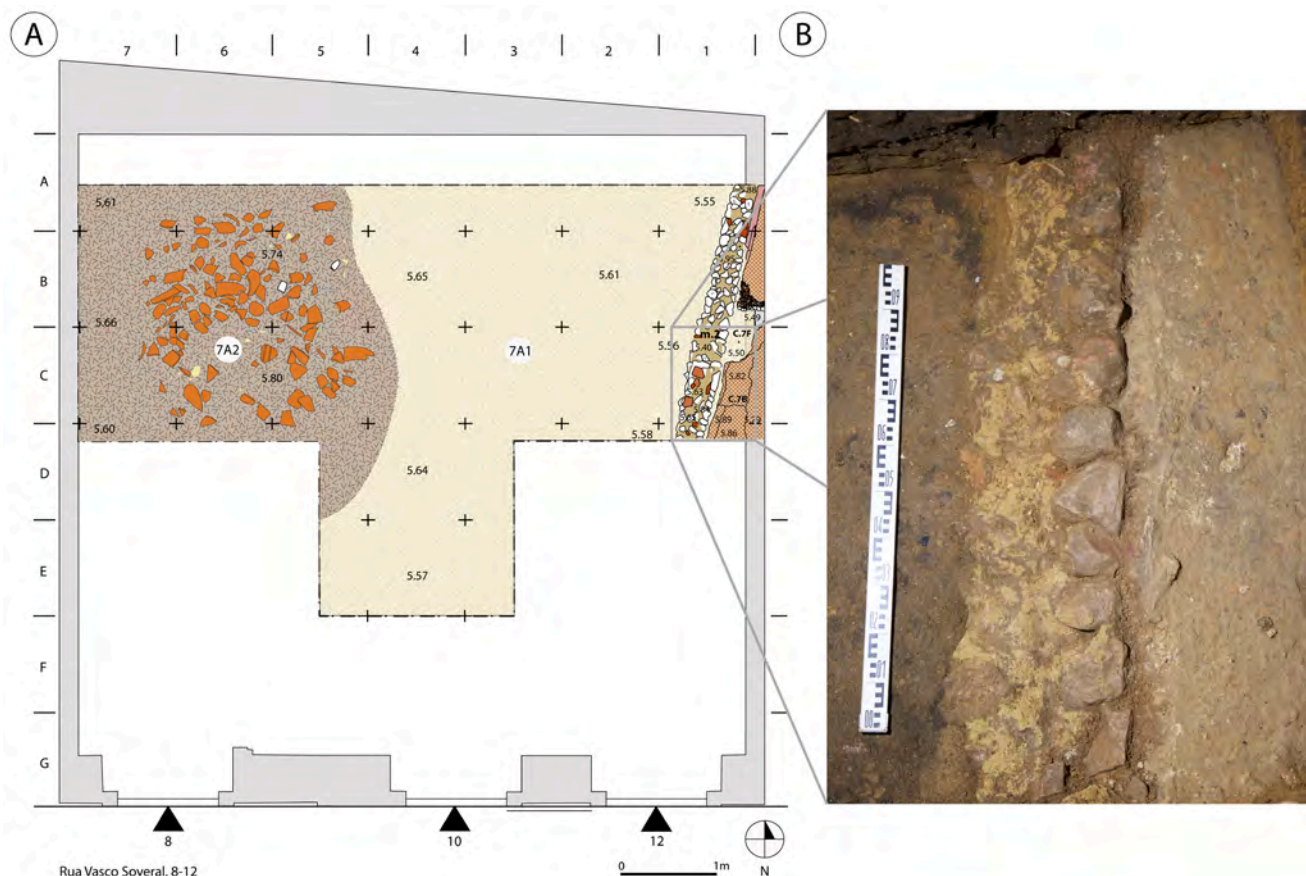


Fig. 5 - Rua Vasco Soveral, 8-12. A - Plano cumulativo de Época Romana. B – Destaque para o muro 2 com restos do pavimento da primeira fase, em *opus signinum*, de provável tanque (C. 7F). Levantamento de Júlio Costa e Teresa Rita Pereira. Fotografia de Antónia Coelho-Soares.

coloração castanho-amarelada clara, por vezes com lentículas ligeiramente acinzentadas, quase estéril, com excepção de alguns fragmentos de cerâmica atribuíveis à Idade do Ferro orientalizante; espessura máxima cerca de 30 cm.

C.9 - Sedimento arenoso de cor amarelada, praticamente estéril, à excepção de raros fragmentos de cerâmica da Idade do Ferro orientalizante; espessura máxima cerca de 50 cm.

C.10- Areias resultantes da desagregação da formação geológica de base (arenito mal consolidado do Plio-Plistocénico).

3. DINÂMICA OCUPACIONAL

A informação estratigráfica associada à cultura material permitiu reconstituir a seguinte dinâmica de ocupação:

3.1. IDADE DO FERRO ORIENTALIZANTE

O lote em análise não forneceu materiais deste período em contexto primário. Os escassos materiais sidéricos (exclusivamente cerâmicos) detectados nas camadas 8 e 9 (fig. 6) chegaram ao local por efeito de agentes da geodinâmica externa, carreados de áreas de cota mais elevada, embalados, pois, em formação sedimentar coluvionar.

Obeve-se, assim, uma pequena amostra (NMI=14) quase exclusivamente constituída por cerâmica cinzenta (NMI=11), frequência elevada que se tem observado em outros *loci* escavados na Colina de Santa Maria (Tavares da Silva *et al.* 2014, Tavares da Silva 2018b, Tavares da Silva - Coelho-Soares - Duarte 2018); os restantes indivíduos são de cerâmica comum (fig. 6).

A cerâmica cinzenta da RVS 8-12 distribui-se pelas formas Abul I (prato/taça de bordo em aba sub-horizontal – cf. Abul IB – e duas taças de bordo em S curto, possuindo concavidade externa separada do bojo por carena – cf. Abul IC); Abul II,

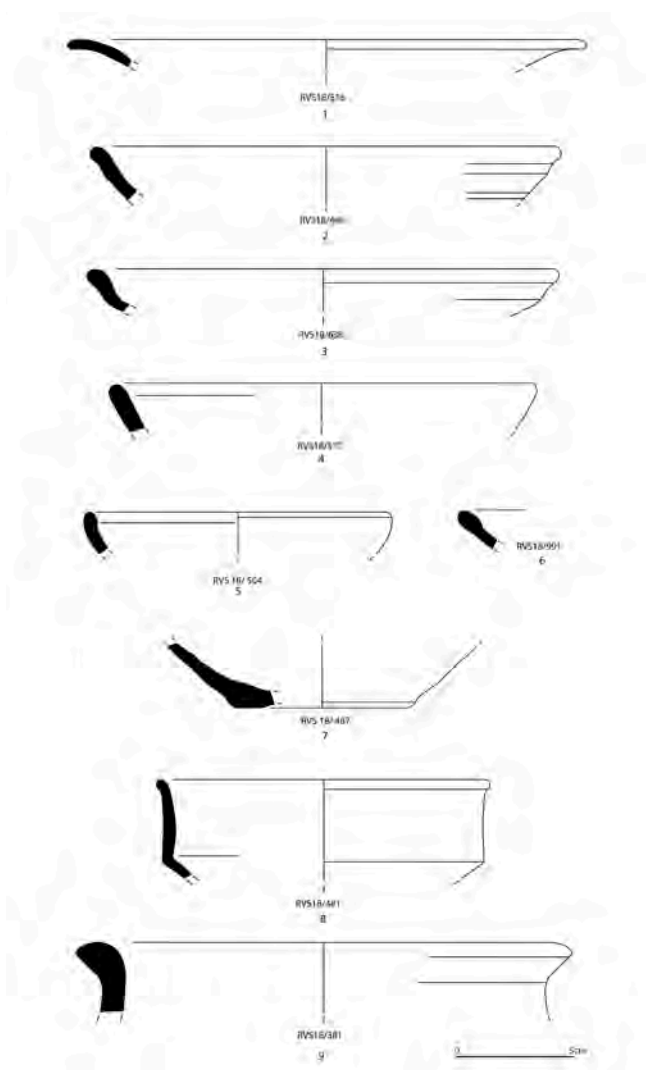


Fig. 6 - Rua Vasco Soveral, 8-12. Ocupação da Idade do Ferro. 1 a 8 - cerâmica cinzenta orientalizante; 9 - cerâmica comum ao torno oxidante. Desenhos de Susana Duarte e Teresa Rita Pereira.

com seis indivíduos, sendo um de bordo simples e ligeiramente encurvado para o interior (Abul IIB2) e cinco de bordo com espessamento interno convexo (Abul IIC1); Abul III (taça carenada), na variante Abul IIIB.

Todas estas formas estão presentes no estabelecimento fenício de Abul A: a Abul IB atinge a máxima frequência relativa na Fase I e decresce na Fase II; a forma Abul IC é vestigial, a IIB2, frequente e a IIC1, muito frequente em ambas as fases; a Abul IIIB é muito rara (Mayet - Tavares da Silva 2000: Tabl. 11). Relativamente ao santuário dos finais do século VI - século V a.C. de Abul B, as formas IB e IC são raras, a IIB2 é muito frequente, e a IIC1, a mais frequente; a forma IIIB está ausente (*ibidem*: Tabl. 22).

Surgiu um fragmento de fundo de base

ligeiramente côncava e pé marcado (Abul 2.2), tipo corrente em Abul A e B.

Na cor das superfícies, predomina grandemente o negro ou cinzento escuro, próprios do fabrico B de Abul (10 indivíduos); só um indivíduo, pertencente à forma Abul IIC1, possui superfícies cinzento-claras, sendo assimilável ao grupo A de Abul.

A frequência do fabrico B de Abul equipara-se, em número de exemplares, à do fabrico A na Fase I do estabelecimento fenício; duplica na Fase II e torna-se ainda mais abundante no santuário de Abul B (*ibidem*: Tabls. 9 e 21).

A cerâmica comum (NMI=3) distribui-se morfológicamente por: prato de bordo em aba sub-horizontal; tigela de parede ligeiramente encurvada para o interior e bordo simples; e recipiente fechado de colo subcilíndrico pouco acentuado e bordo em aba curta. As pastas são compactas com raros e.n.p. visíveis a olho nu; as superfícies, alisadas; a cozedura processou-se em ambiente ou totalmente redutor (tigela) ou redutor com fase de arrefecimento oxidante (prato e recipiente fechado).

Não obstante estarmos em presença de amostra reduzida e quase só constituída por cerâmica cinzenta, atrevemo-nos, com base nas cronotipologias identificadas a partir da cerâmica cinzenta de Abul, a considerá-la, em termos gerais, do Período Orientalizante, podendo remontar ao século VII (forma Abul IIIB), mas com indiscutível prolongamento pelo século VI a.C. (elevada frequência relativa das superfícies próprias do Fabrico B de Abul).

3.2. ÉPOCA ROMANA

Grande parte do lote foi utilizado como depósito de entulhos nos finais do século IV/ século V, de acordo com os mais recentes tipos anfóricos aí encontrados (principalmente Almagro 51c, variante C e Almagro 51a-b), a *terra sigillata* africana D, nas formas Hayes 61B e 91 (?), um numisma de Constâncio II (355-361 d.C.) e três numismas de Valentiniano II (373-385 d.C.). Os vestígios de ocupação romana anteriores foram recolhidos em contexto estratigráfico fechado somente na desmontagem de troço do muro 2 e respectivo tanque.

3.2.1. ESTRUTURAS. MURO 2 DE TANQUE/TINA

Muro de orientação NNE-SSW que se encontra parcialmente sob a parede nascente do edifício

em reabilitação, bem como sob o edifício contíguo (figs. 3 e 5). Este muro, muito destruído, foi colocado parcialmente à vista já no final da escavação, quando se corrigiu o alinhamento da parede da cave em construção com o do edifício existente. Observou-se em um comprimento de 2,70m; a sua largura média é de 25 a 30 cm. A altura máxima conservada na parte sub-aérea era de 40 cm e a do alicerce atingia os 30-35 cm. Procedemos à desmontagem parcial do mesmo, em uma área de cerca de 1,10x0,80 m, o que permitiu a sua datação, a recolha de importante informação estratigráfica, bem como o conhecimento das técnicas de construção. O restante muro ficou incluído na parede do imóvel. O muro 2 era constituído por blocos pequenos e médios de calcário comum, calcarenito do Miocénico, brecha da Arrábida e fragmentos de cerâmica de construção, ligados por grande quantidade de argamassa de cal e areia de cor amarelada. Com o paramento oriental deste muro, faz corpo um tanque (observado em área muito restrita) com duas fases de construção registadas através da presença de dois pavimentos sobrepostos, ambos de *opus signinum* (Cs. 7C e 7F-G).

O pavimento mais antigo do tanque (fig. 3) formou-se a partir do topo do alicerce do muro 2, cuja construção foi atribuída ao Alto Império. É em *opus signinum* branco-acinzentado claro, rico em cal, areia e calcário moído (brita), e assentou sobre espessa infra-estrutura constituída por várias camadas de materiais inertes finos e compactados (C. 7J), ou grosseiros e heterométricos (Cs.7I e 7K), ou mesmo de tipo enrocamento (C. 7H).

O segundo pavimento do tanque (fig. 3), do qual subsistia uma pequena área do fundo, sem vestígios do arranque de paredes, foi constituído por *opus signinum* rico em pequenos fragmentos de cerâmica, distinguindo-se do anterior pela cor rosada e por maior friabilidade. No entanto, a técnica construtiva persistiu. O pavimento assentou em infra-estrutura formada por diferentes camadas que testemunham similar técnica construtiva.

Na estrutura de assentamento do primeiro pavimento de *opus signinum* que o tanque recebeu, indicando uma cronologia alto-imperial para esta construção, foram recuperados dois fragmentos de ânfora Dressel 14. O tanque viria a receber um segundo pavimento em momento indeterminado do Baixo-Imério (fragmento de bordo de ânfora Almagro 51 c, variante C).

A hipótese de se tratar de um tanque de oficina de salga de peixe, que primeiro se colocou, foi abandonada, uma vez que o lote se situa em plena

área residencial. A hipótese que por agora nos parece mais plausível é a de se tratar de um tanque de pátio/jardim de presumível *domus*, já que nas proximidades foram identificados vestígios de casas deste tipo. No mesmo sentido, aponta o aparecimento de um pequeno capitel de estilo corintizante, de fabrico cuidado, na base da entulheira acumulada durante o Baixo Império a expensas de entulhos ricos em *imbrices*, claramente resultantes da destruição de telhado(s), mas onde surgiram também fragmentos de estuque, alguns pintados com bandas vermelhas, e *tesselae* idênticas às utilizadas nos pavimentos musivos da Casa dos Mosaicos (calcários branco, cinzento, vermelho e amarelo) (Tavares da Silva - Soares - Wrench 2010, 2011) (Quadro 1).

3.2.2. CAPITEL DE COLUNA, DE ESTILO CORINTIZANTE, DECORADO COM MOTIVOS VEGETALISTAS

O exemplar em questão insere-se nos padrões normais de ornamentação deste tipo de peças. O capitel organiza-se em dois registos decorativos do *kalathos* (corpo da peça). O registo inferior possui folhas de estilo acantizante, esquemáticas na sua decoração. A *imma folia* (andar inferior ou primeira coroa de folhas do capitel) é composta por seis elementos foliáceos, os quais aderem ao *kalathos* somente dele se libertando na sua parte superior, com encurvamento acentuado para o exterior (fig. 7).

Quatro pequenos lóbulos dispõem-se de cada lado de uma nervura central, axializada e vertical, de perfil triangular e apontada para a parte superior da folha. Os lóbulos separam-se entre si por sulco profundo. Cada lóbulo possui um tratamento linear, sublinhando-se a finalização apontada, em forma de gota, nos lóbulos inferiores e um ligeiro recorte nos restantes, procurando um efeito naturalista no eventual revirar da parte final do lóbulo. Pormenor decorativo cuidado, mas que já pouco tem a ver com a inspiração naturalista e orgânica que lhe deu origem.

O registo superior é composto por volutas vegetalistas que se localizam nos quatro ângulos da peça. Estas volutas aderem por completo ao *kalathos* e avançam para o exterior, na parte superior, acompanhando deste modo os ângulos do ábaco. Três folhinhas, ou lóbulos – com terminação similar às folhas da coroa inferior – dispõem-se ao longo de um caule alto que, superiormente, se desenvolve em roseta de três pétalas, com botão central ligeiramente espiraliforme, substituindo a tradicional voluta.



Fig. 7 - Rua Vasco Soveral, 8-12. Capitel em calcário, cor de marfim, de estilo “corintizante” recuperado na C.7A4. Foto de A. Coelho-Soares.



Fig. 8 - Rua Vasco Soveral, 8-12. Pormenor do capitel recuperado na C.7A4. Foto de A. Coelho-Soares.

As faces centrais do capitel encontram-se decoradas por quatro palmetas, uma em cada face. A organização é simétrica, bem equilibrada e de execução correta, sendo os motivos similares entre si. As pétalas, ou lóbulos, em número de seis cada uma, arrancam da parte superior da folha central da *imma folia* e distribuem-se em leque, cada uma arrancando da base. A terminação das hastes é circular, como que em “borla”, recurvando a superior sobre a inferior (fig. 8).

O ábaco é reentrante nos quatro lados, de perfil moldurado e ostentando quatro flores estilizadas compostas por três pétalas e com pistilo central, encontrando-se, no entanto, uma delas partida.

Vitrúvio, na sua obra *De Architectura*, não menciona este tipo de capitel, integrando-o, a par de outros, num mesmo conjunto caracterizado por apresentar decorações variadas⁴. Do capitel coríntio reemprega a mesma morfologia, o ábaco decorado e alguns dos elementos vegetalistas, como seja o caso da coroa inferior de folhas, ainda que desapareça a segunda coroa, sendo substituída por motivos ornamentais variados. As volutas são substituídas por folhas alongadas que se posicionam nos quatro ângulos, traduzindo o que é designado por Patrizio Pensabene (1973) como uma “vegetalização das volutas”.

Esta progressiva vegetalização dos capitéis é um processo que se observa a partir dos sécs. I e II d.C. e que se traduz essencialmente na recuperação de alguns ornamentos helenísticos (Pensabene 1973: 218). Será precisamente esta característica da vegetalização dos vários elementos do capitel que levou à sua individualização, realizada pela primeira vez por Ronczewsky em 1923, na análise que realiza sobre capitéis romanos com decoração variada. Os principais grupos decorativos então considerados – o liriforme, o do cálice central e o duplo S – foram, posteriormente, individualizados com outras variantes, por P. Pensabene, tendo por base o estudo dos capitéis de Óstia (*ibidem*: 230-250).

Além das dissemelhanças mencionadas que o capitel corintizante estabelece em relação ao tradicional capitel coríntio, a outra grande diferença consiste na decoração que as faces do *kalathos* passam a ostentar. Ao invés de uma segunda coroa de folhas e dos tradicionais caulículos, hélices e arranques das volutas, o espaço, liberto de tais ornamentos é agora integralmente preenchido por motivos exclusivamente vegetais e florais que

não seguem um padrão rígido. É precisamente esta liberdade ornamental que atrairá o gosto por este tipo de capitel.

A grande difusão que este tipo de capitel teve por todo o império prende-se certamente com a menor rigidez do léxico decorativo e com uma intensa e extensa divulgação dos cartões decorativos. As matrizes preestabelecidas não excluem motivos indígenas, apropriações locais, modismos pontuais. O emprego dos ornamentos padronizados é, com efeito, o mais corrente ainda que não seja inusitado o aparecimento de decorações para as quais se desconhecem paralelos (Fernandes 1997: 426).

Os exemplares mais antigos surgem em Pompeia, quer em peças encontradas *in situ*, quer através dos frescos que os representam, constituindo uma fonte iconográfica preciosa. Estas peças encontram-se geralmente associadas a edifícios privados. Relativamente aos exemplares hispânicos, diz-nos Gutiérrez-Behemerid que "... En líneas generales, los capiteles corintizantes no fueron utilizados en grandes edificios públicos sino que a menudo formaron parte de pequeñas

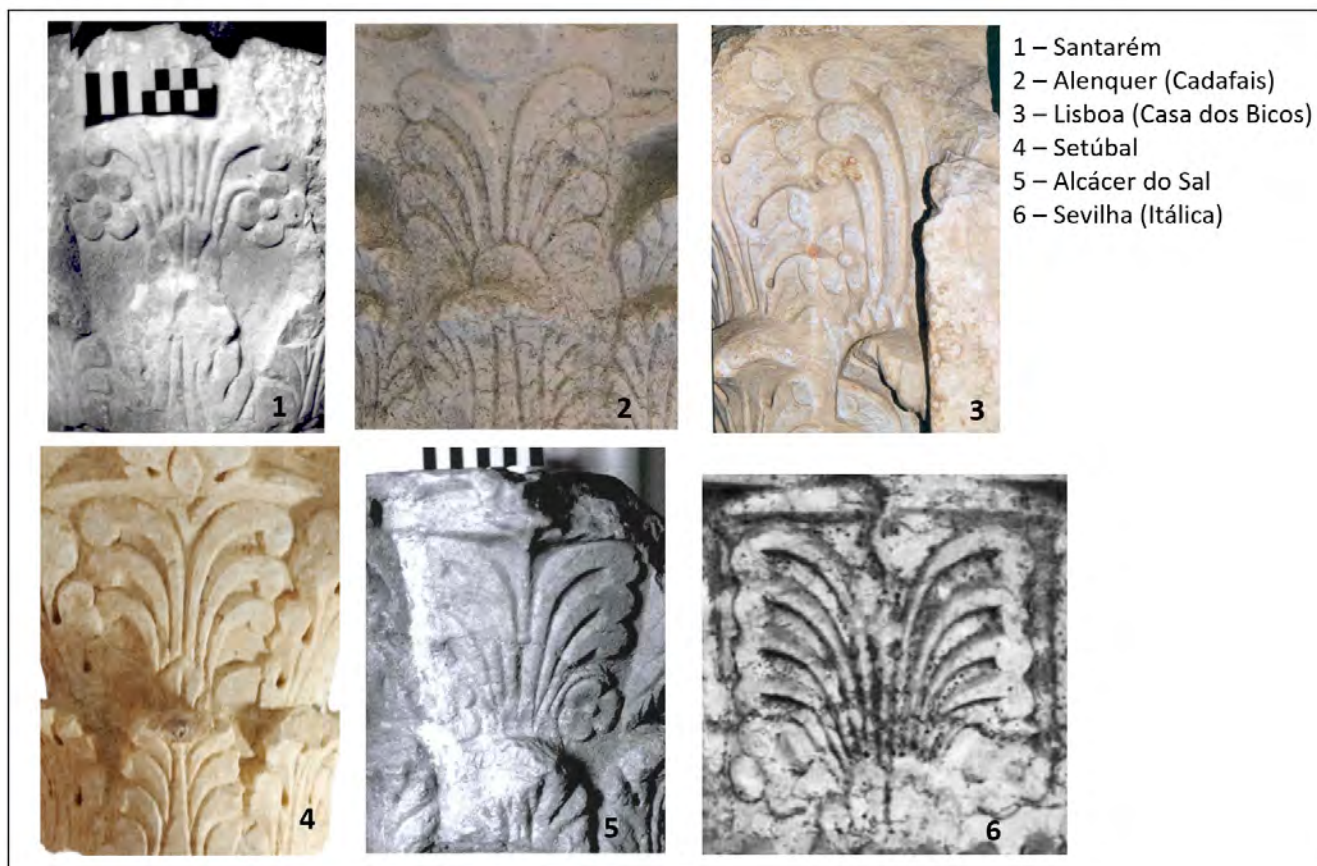


Fig. 9 - Pormenor de palmetas em capitéis de estilo corintizante de Santarém, Alenquer, Lisboa, Setúbal, Alcácer do Sal e Sevilha (Itália).



Fig. 10 - Rua Vasco Soveral, 8-12. Pormenor do capitel exumado da C.7A4, vendo-se um espigão metálico que restaurou a parte mais saliente de uma das folhas, da coroa inferior, que se teria partido. Foto de A. Coelho-Soares.

construcciones, de casas privadas, peristilos o de decoración de interiores ...” (1992: 183 e 184).

É precisamente o que podemos afirmar acerca deste pequeno exemplar encontrado em *Caetobriga*, com a altura total de 22cm, de calcário branco, provavelmente da zona de Lisboa.

As suas dimensões são as adequadas a um espaço privado, eventualmente um peristilo ou o *triclinium*. A sua ornamentação remete para peças corintzantes já perfeitamente evolucionadas, onde a ornamentação, rígida, se encontra bem padronizada, pouco tendo a ver com o mundo orgânico que está na base dos vários motivos vegetalistas do capitel coríntio.

Em Portugal, são vários os exemplares corintzantes conhecidos ainda que o seu número, do que temos conhecimento, não chegue aos

vinte exemplares (cf. Fernandes 2012: 131-148). No entanto, as especificidades decorativas que esta peça apresenta estabelecem relações diretas com quatro exemplares em território nacional. São eles: um exemplar de Cadafais (Alenquer), um encontrado na Casa dos Bicos (Lisboa), outro em Santarém e um capitel de Alcácer do Sal.

O motivo de que falamos, a palmeta com terminação dos lóbulos em forma circular (fig. 8), constitui uma morfologia tão distinta que apenas pode ser explicado pela divulgação e uso dos cartões decorativos, os designados “skizzen” ou “musterbücher”⁵.

A divulgação de modelos cartonados no império romano constituiu uma prática corrente e apenas assim se pode explicar a existência de pormenores ornamentais tão específicos e idênticos entre si se supusermos que estes modelos estariam pré-estabelecidos.

A palmeta com o pormenor das terminações lobulares da palmeta central em forma circular, como uma “borla”, pode ser entendida como estilo ou “tique de atelier”. Entendido este pormenor como tal, aproximá-riamos o exemplar em análise às peças de Lisboa (Casa dos Bicos), assim como às peças de Cadafais e de Santarém (fig. 9).

O exemplar de Alcácer do Sal, assim como um outro de Itália podem, em nossa opinião, ser atribuídos a uma época mais tardia, possivelmente sécs. III/IV d.C. A peça de Itália tem suscitado vários comentários que vão desde uma atribuição cronológica do séc. III d.C. (Gutiérrez-Behemerid 1992: nº 835), até datas tão avançadas quanto os sécs. IV/V d.C. (Domingo Magaña 2011: 148-149, nº 185), ou mesmo os sécs. V/VI d.C. (Ahrens 2002: 107-124, nº 15), sem que seja demonstrada qualquer razão válida para tal, enquanto T. Hauschild o atribui, mais de acordo com a nossa opinião, à terceira ou quarta centúria (Hauschild 1968: 280, lám. 87b), cronologia mais de acordo com o contexto da “Casa de Hilas”, datada pelos seus mosaicos dos inícios do séc. III d.C. (Rueda Roigé 2002-2003: 7-20) (fig. 9).

Em relação aos restantes exemplares acima indicados, apontá-riamos cronologias mais antigas, como acontece com o exemplar de Cadafais que atribuímos ao séc. II d.C. (Fernandes 2012: 131-148), ao capitel da Casa dos Bicos (Fernandes 1999: 113-135) e de Santarém (Fernandes 2003: 65-80) ambos com idêntico leque cronológico, o mesmo acontecendo com o presente exemplar. Na medida em que este exemplar surgiu em deposição secundária não possuímos outros elementos que auxiliem numa

precisão cronológica mais restrita que o leque que apontamos, enquadrando-se, em nossa opinião, nos meados ou segunda metade da segunda centúria.

O capitel corintizante concentra-se essencialmente na parte sul da Península Ibérica e este capitel de Setúbal sublinha esta ideia, a qual se deverá prender com itinerários preferenciais de oficinas provinciais. Com efeito, os rios Tejo e Sado, assim como as vias terrestres que ligavam *Caetobriga - Salacia - Eborac - Augusta Emerita* ou, pela via mais a sul que, por *Pax Iulia - Serpa*, ligaria a Itália, são vias naturais por onde novos produtos e novos modelos poderiam ser disseminados. O mármore do anticlinal de Estremoz ou o calcário da zona de Sintra, encontram-se presentes na província da Bética em cidades como Itália, *Hispalis*, *Iliipa Magna*, *Baelo Claudia* ou a região de Huelva (Taylor et al. 2017: 23-31). Não seria, pois, de estranhar a existência de um comércio de cartões entre estas zonas mais a sul e a região centro/sul do atual território nacional.

A qualidade do talhe do nosso capitel aproxima-o das peças de Cadafais, Santarém e Lisboa, o que nos permite apontar para uma oficina que abasteceria *Felicitas Iulia Olisipo*, assim como o território circundante. As peças de Alcácer e de Itália, por serem provavelmente mais tardias,

afastam-se do capitel de Setúbal. Isso parece notório na sua decoração, sendo de destacar a simplicidade *imma folia*, no caso da de Alcácer, e o esquematismo dos mesmos elementos na de Itália.

Não poderíamos deixar de mencionar que o proprietário que encomendou esta peça, a par de outras que decorariam a sua *domus*, teve grande cuidado na escolha dos capitéis e dos motivos apelativos, com forte recurso aos efeitos de claro/escuro, que os ornamentavam. Apenas assim se compreende o zelo com que mandou restaurar o presente exemplar, o qual ostenta um pequeno espigão metálico que restaurou a parte mais saliente de uma das folhas da coroa inferior que ornamenta o capitel e que se teria partido (fig. 10).

3.2.3. TESSELAS

Da entulheira (C.7A) constituída no último quartel do século IV/ século V, recuperou-se, de entre abundantes materiais de construção e lixos domésticos ricos em fauna malacológica e ictiológica, cerca de dois milhares de tesselas (Quadro 1) muito provavelmente resultantes da destruição de pavimento(s) musivo(s), elaboradas maioritariamente em variedades de calcário disponíveis nas penínsulas

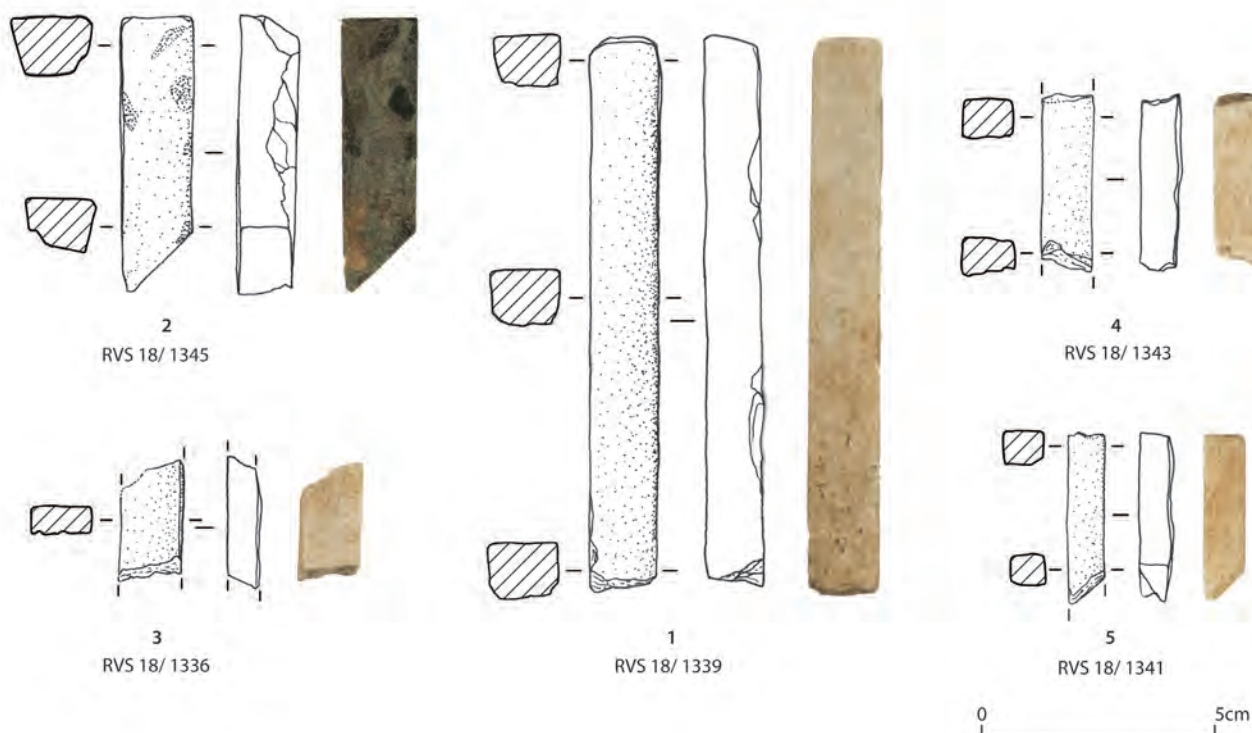


Fig. 11 - Rua Vasco Soveral, 8-12. Lingotes paralelepípedicos formados a partir do módulo de tesselas em calcário branco e acinzentado (n.ºs 1, 3 e 4), mármore branco (n.º 5) e mármore verde cipolino (n.º 2). Desenhos de Teresa Rita Pereira.

Cs.	Tesselas									Total
	Calcário (branco)	Calcário (vermelho) de Sintra	Calcário (acinzentado)	Calcário (amarelo) de Negrais	Calcário (negro)	Basalto	Quartzo (acinzentado)	Mármore (branco)	Cerâmica	
6A	14	8	1	3					4	30
6B	27	10		2		30				69
7	7	2	1	4		6				20
7A1	65	22	39	3		4	1		10	144
7A2	603	295	265	68	72	16	6		77	1402
7A3	285	130	97	31	63	27		4	75	712
7A4	2	2				2				6
Total	1003	469	403	111	135	85	7	4	166	2383

Quadro 1 - Rua Vasco Soveral. Distribuição das tesselas pelas categorias litológicas e níveis estratigráficos (Cs. 6 e 7).

de Setúbal e Lisboa: branco e cinzento em Setúbal; as mesmas variedades, a que podemos acrescentar o encarnado de Sintra, o amarelo de Negrais e ainda o basalto, na península de Lisboa. Está ainda residualmente presente o mármore, indicando alguns prováveis contactos, não necessariamente directos, com o Alto Alentejo, ou mesmo extra-provinciais e o “verde cipollino”, claramente exógeno, quiçá do exterior da Hispânia. A margem norte do Tejo poderá ter sido o principal fornecedor de *Caetobriga* em *tessellae*, o que implicava vencer um percurso de cerca de 50 km, por terra e modo fluvial (esteiro de Coina), não se ajustando exactamente à ideia de utilização de litologias/oficinas locais (Lancha 1994), mas não advogando o recurso a pedreiras muito distantes. É provável que a matéria-prima circulasse já transformada em tesselas, como apontam algumas evidências, nomeadamente o “achado de milhares de tesselas brancas num compartimento selado da *pars rustica* da *uilla* da Granja dos Serrões (Sintra)” (Caetano 2014: 214), mas não podemos descartar outras formas de comercialização da matéria-prima, como indicam os lingotes prismáticos prefigurando na sua secção transversal a do pequeno cubo da tessela, encontrados na entulheira da Rua Vasco Soveral; com efeito, recuperámos três prováveis lingotes de tesselas, paralelepípedicos, de calcário branco-acinzentado, mármore branco e verde cipollino (fig. 11) que nos podem indicar quiçá não a forma “corrente” de comercialização destes produtos, mas uma forma complementar destinada a pequenos retoques ou reparações: lingotes portáteis que o *tessellarius* teria à mão, por hipótese para finalizar ou corrigir uma obra. O processo produtivo da obra musiva, tão mal conhecido nas suas diferentes etapas

(Caetano 2007, 2014), é, no mínimo, interrogado por estes “pacotes” de tesselas “prontos a usar”.

3.2.4. IMBRICES COM MARCAS DE OLEIRO

Os materiais arqueológicos mais numerosos recolhidos nesta intervenção arqueológica foram fragmentos de *imbrices*, cujo peso ultrapassou as duas toneladas (Quadro 2). A sua presença foi interpretada como o resultado de colapso e/ ou remoção em época avançada do Baixo Império de telhado de *domus* existente nas proximidades, no âmbito de um processo de demolições de edifícios já abandonados a fim de se obter pedra para novas construções.

A produção oleira direcionada para os materiais de construção encontra-se mal conhecida na região; na olaria da Herdade do Pinheiro foi identificado um forno, mas não a respectiva entulheira (Mayet - Tavares da Silva 1998: 43-47). Não será de eliminar a hipótese de as grandes obras de construção de *domus* ou de *pars urbana* de *villae* terem contado com olaria própria de materiais de construção. No entanto, o registo de telhas romanas com marcas de oleiro dá-nos conta de uma fileira produtiva mais complexa, na qual a laboração dos fornos de materiais de construção poderia possuir autonomia em relação aos empreendimentos construtivos antes referidos.

Com efeito, além da abundância de *imbrices*, o sítio da Rua Vasco Soveral forneceu sete exemplares de produção aparentemente exógena com marcas de oleiro, o que constitui uma novidade regional e uma rara ocorrência em termos mais amplos. As marcas correspondem a dois punções até agora



Fig. 12 - Rua Vasco Soveral, 8-12. *Imbrices* com marcas de oleiro em cartelas sub-retangulares: a marca **POC** é relevada (quatro exemplares) e a **LPFV**, impressa (três exemplares). Foram exumados das Cs. 7A1, 7A2, 7A3 e 7A4. Fotos de A. Coelho-Soares.

desconhecidos nas olarias romanas do Sado (Mayet - Schmitt - Tavares da Silva 1996, Mayet - Tavares da Silva 2010, 2016), representativos de *tria nomina*: POC e LPFV (fig. 12). Da Quinta do Marim (Olhão) provém um *imbrex* com a marca IVNIORVM (Fabião *et al.* 2016: 119, fig. 7), marca que foi encontrada também em ânforas Almagro 50, datadas da segunda metade do

século III à primeira metade do século IV e recuperadas em oficina de salga de peixe também da Quinta do Marim (Tavares da Silva - Soares - Coelho-Soares 1992). Esta mesma marca de oleiro foi encontrada no naufrágio Cabrera III (Bost *et al.* 1992). Em alguns exemplares de *tegulae* provenientes do Algarve, M.^a Luísa da Veiga S. Pereira (1974-1977) identificou, além

IMBRICES				
Camada	Peso (kg)	Número de Fragmentos	Número de Cantos	NMI
7A1	1202	4992	700	175
7A2	888	4097	470	118
7A3	306	1525	167	42
7A4	18	28	5	2
TOTAL	2414	10642	1342	337

TEGULAE				
Camada	Peso (kg)	Número de Fragmentos	Número de Cantos	NMI
7A1	8	12	2	1
7A2	4	8	2	1
7A3	25	36	13	5
7A4	3,5	2	0	1
TOTAL	40,5	58	17	8

TIJOLEIRAS				
Camada	Peso (kg)	Número de Fragmentos	Número de Cantos	NMI
7A1	88	106	36	9
7A2	80,5	127	60	15
7A3	120,5	178	42	11
7A4	28	15	11	3
TOTAL	317	426	149	38

T. QUADRANTE				
Camada	Peso (kg)	Número de Fragmentos	Número de Cantos	NMI
7A1	5	4	1	1
7A4	1,5	1	2	1
TOTAL	6,5	5	3	2

T. SUSPENSURA				
Camada	Peso (kg)	Número de Fragmentos	Número de Cantos	NMI
7A1	1	1	4	1
TOTAL	1	1	4	1

Quadro 2 - Rua Vasco Soveral. Distribuição dos materiais de construção romanos pelos níveis estratigráficos. Para a obtenção do NMI de *imbrices* obtivemos o quociente NC (número de cantos) / 4 = 337. Este resultado pouco se afasta do quociente: PF/8Kg = 301, correspondendo 8Kg ao peso médio de um *imbrax*.

daquela, a marca AEMHEL, também presente em recipientes anfóricos da forma Almagro 50 quer no Algarve quer na ilha do Pessegueiro (Tavares da Silva - Soares 1993). Não é, pois, improvável que as marcas de oleiros agora identificadas sobre telhas venham a surgir igualmente em contentores anfóricos.

3.2.5. CERÂMICA FINA DE MESA E ILUMINAÇÃO

A amostra de *terra sigillata* exumada (NMI=22 – Quadro 3, figs. 13 e 14) revela um leque cronológico compreendido entre o século I d.C. (especialmente a 2ª metade) e o século V d.C.

A ocupação do Alto Império está documentada por *terra sigillata* de tipo itálico (NMI=1

Tipo	C.5		C.6B		C.7A		C.8		Total	
	NF	NMI	NF	NMI	NF	NMI	NF	NMI	NF	NMI
Tipo itálico					1	1			1	1
Sudgálica	2	1	4	4	11	7	1	1	18	13
Drag.27					4	4			4	4
Drag.24/25			1	1	1	1	1	1	3	3
Ritt.12C			1	1					1	1
Drag.18			1	1					1	1
Drag.15/17	1	1							1	1
Drag.30?					1	1			1	1
Ind.	1**		1	1*	5	1			7	2
Hispânica ind.			1	1	1	1			2	2
Africana A			1	1					1	1
Hayes 14/17			1	1					1	1
Africana C	1	1			1		1	1	3	2
Hayes 50	1	1					1	1	2	2
Ind.					1				1	
Africana D			1		3	2	1	1	5	3
Hayes 61B							1	1	1	1
Hayes 91?					1	1			1	1
Ind.			1		2	1			3	1
Total	3	2	7	6	17	11	3	3	30	22

* marmoreada; ** fundo com marca muito incompleta

Quadro 3 - Rua Vasco Soveral. *Terra sigillata* distribuída pelos níveis estratigráficos.

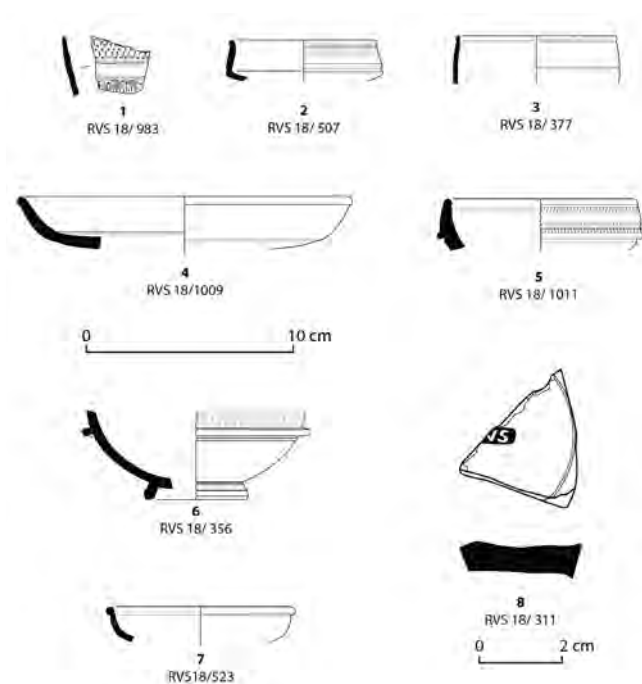


Fig. 13 - Rua Vasco Soveral, 8-12. Paredes Finas: 1- forma Mayet XIII (C.7); 2 - Mayet XXV (C.7); 3 - Mayet XXXVII (C.7A). *Terra sigillata* sudgálica: 4- forma Drag. 18 (C. 6B); 5- Drag. 24/25 (C.8); 6 - Drag. 24/25 (C.7A); 7 - Drag. 27 (C.7A); 8 - forma indeterminada com marca de oleiro (C.5). Desenhos de Teresa Rita Pereira.

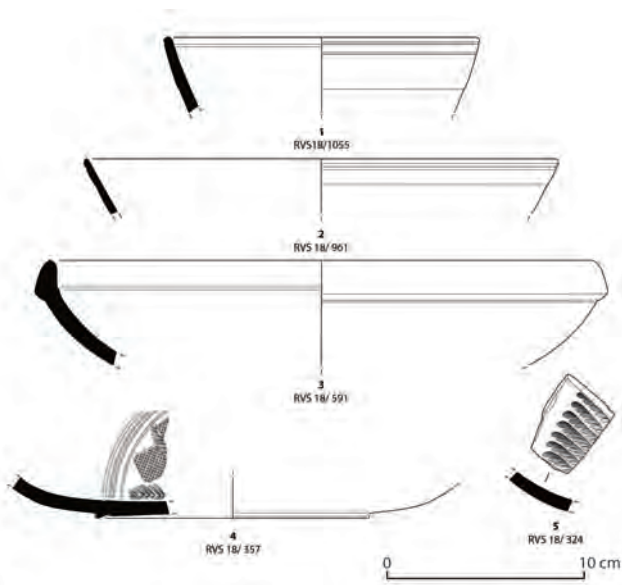


Fig. 14 - Rua Vasco Soveral, 8-12. *Terra sigillata* africana: 1 - Africana A, forma Hayes 14/17 (C. 6B); 2 - Africana C, Hayes 50 (C.8); 3 - Africana D, Hayes 61B (C.8); 4 - Africana D, forma indeterminada com decoração estampada (C.7); 5 - Africana D, Hayes 91? (C.7A). Desenhos de Teresa Rita Pereira.

de forma indeterminada), *terra sigillata* sudgálica (NMI=13) nas formas Drag. 27, Drag. 24/25, Ritt. 12 (var. C de Genin 2007), Drag. 18 (var. B de Genin 2007), Drag. 15/17 e Drag. 30(?) e um exemplar de forma indeterminada com marca AS [] ou [] VS e rara *terra sigillata* hispânica (NMI=2) de formas indeterminadas

(fig. 13, n.º 4-8).

O século III está mal representado, à semelhança do que se tem verificado através de outras intervenções arqueológicas no casco histórico de Setúbal (fig. 15): são escassos os exemplares de *terra sigillata* africana A (um exemplar da forma Hayes 14/17) e de *terra sigillata* africana C (dois da forma Hayes 50) (fig. 14).

Com três exemplares, a *terra sigillata* africana D distribui-se pelas formas 61B e 91(?) e oferece um fundo de forma indeterminada, internamente com decoração estampada, mal impressa, do estilo A de Hayes (1972), constituída por quadrados reticulados em diagonal (tipo Hayes 69), alternando com palmetas (tipo Hayes 4) (fig. 14).

O Alto Império conta ainda com cerâmica de paredes finas (NMI=4) nas formas Mayet XIII, XXV e XXXVII (fig. 13, n.º 1-3), e três fragmentos de lucernas (fig. 16), dois deles pertencentes provavelmente ao mesmo indivíduo, atribuível ao tipo Dressel-Lamboglia 14 ou VA de Deneauve (1969).

3.2.6. ÂNFORAS

O material anfórico romano da Rua Vasco Soveral, 8-12 (fig. 17) é constituído por 98 fragmentos classificáveis (bordos, asas, bicos fundeiros) que correspondem ao NMI = 41 (Quadro 4).

Predominam esmagadoramente as produções locais/regionais, com pastas do Sado/Tejo

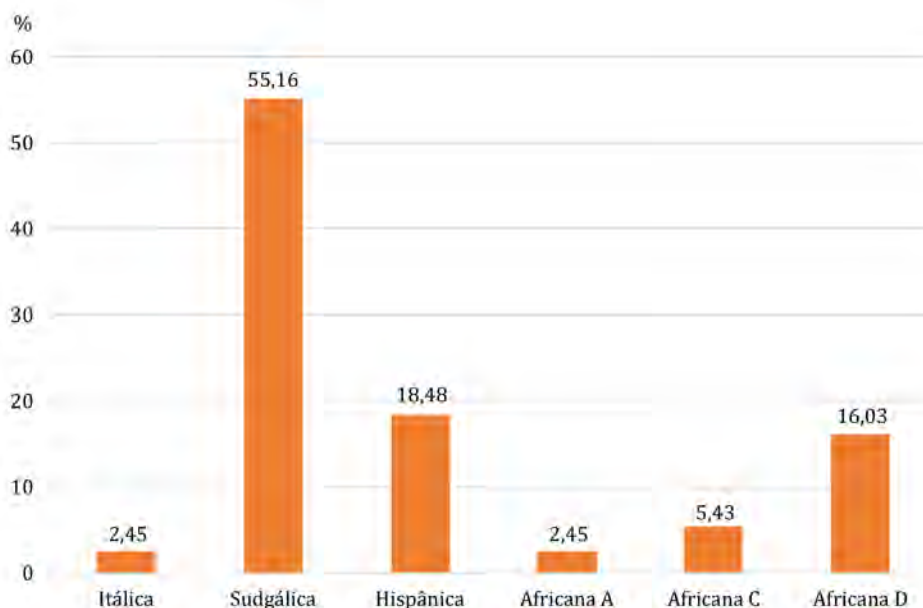


Fig. 15 - Distribuição quantitativa das categorias de *terra sigillata* proveniente do Centro Histórico de Setúbal (Praça de Bocage, Trav. João Galo, Rua Francisco A. Flamengo, Rua António Joaquim Granjo, Rua Arronches Junqueiro, Rua Vasco Soveral, 8-12).

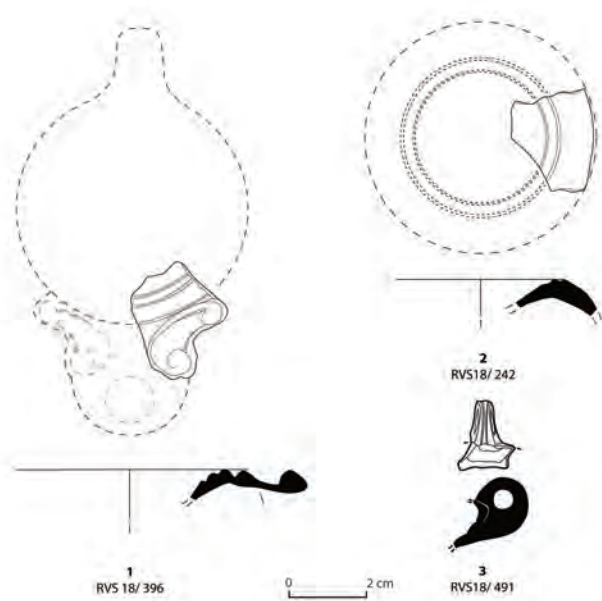


Fig. 16 - Rua Vasco Soveral, 8-12. Lucernas romanas: 1 - C.7A4; 2 - C.7A3; 3 - C.7. Desenhos de Teresa Rita Pereira.

(95,16%), reduzindo-se as de proveniência exógena a dois indivíduos, ambos piscícolas e de origem bética costeira (Dressel 7/11 e Beltrán II), que teriam chegado a *Caetobriga* provavelmente em fase anterior ao período áureo do fabrico de preparados

de peixe na povoação sadina, período centrado na segunda metade do século I d.C.

No que concerne às produções locais/regionais são dominadas por ânforas de fase tardia do Baixo Império (2ª metade do século IV/ século V): formas Almagro 51c, na variante C, e Almagro 51 a-b, que ocorrem na C.7A, integrando os entulhos (*imbrices*, *tesselae*, mármore, estuques, capitel) presumivelmente resultantes da desmontagem de edifício nobre, tendo em vista a obtenção de pedra, como já se havia verificado no vizinho lote nº19 da Rua António Joaquim Granjo (Tavares da Silva 2018a).

As ânforas lusitanas do Alto Império pertencem exclusivamente à forma Dressel 14 (NMI=10), nas variantes A, B e C; embora tenham surgido fora de contexto original, teriam integrado o horizonte de ocupação dos séculos I e II d.C., juntamente com as paredes finas, a *terra sigillata* sudgálica e a hispânica associadas ao edifício nobre que teria existido nas imediações do lote agora escavado.

3.3. ABANDONO TARDO-ROMANO E OCUPAÇÃO ISLÂMICA

Na C.6B, depósito de sedimentos coluvionares carreados de zonas de cota mais elevada,

Proveniência	Formas	Camadas												Total			
		C.5		C.6		C.7A		C.7B		C.7i		C.8		NF	%	NMI	%
		NF	NMI	NF	NMI	NF	NMI	NF	NMI	NF	NMI	NF	NMI	NF	%	NMI	%
Sado/Tejo	Ânforas ind.	4		5		5		1				2		17	17,3		
	Dressel 14	3	3	15	3	10	3			2		2	1	32	32,7	10	24,4
	variante A					1	1							1		1	
	variante B	1	1	1	1									2		2	
	variante C			1	1	1	1				1	1		3		3	
	variante ind.	2	2	13	1	8	1			2		1		26		4	
	Almagro 51C	2	1	7	6	17	12	1	1					27	27,6	20	48,8
	variante B	1	1	2	1									3		2	
	variante C			3	3	10	10	1	1					14		14	
	variante ind.	1		2	2	7	2							10		4	
	Almagro 50	1		3	3									4	4,08	3	7,3
	Almagro 50/Sado 1 var.B			1	1								1		2	2,04	1
Almagro 51 a-b	3	2	2		3	1						2	1	10	10,2	4	9,8
Sado 1 (var.B)			1	1										1	1,02	1	2,4
Bética costeira	Dressel 7-11					1	1							1	1,02	1	2,4
	Beltran II			1	1									1	1,02	1	2,4
Indeterminada		1		1		1								3	3,06		
Total		14	6	36	15	37	17	2	1	2		7	2	98	100	41	100

Quadro 4 - Rua Vasco Soveral. Distribuição das ânforas pelos níveis estratigráficos e pelos locais de produção.

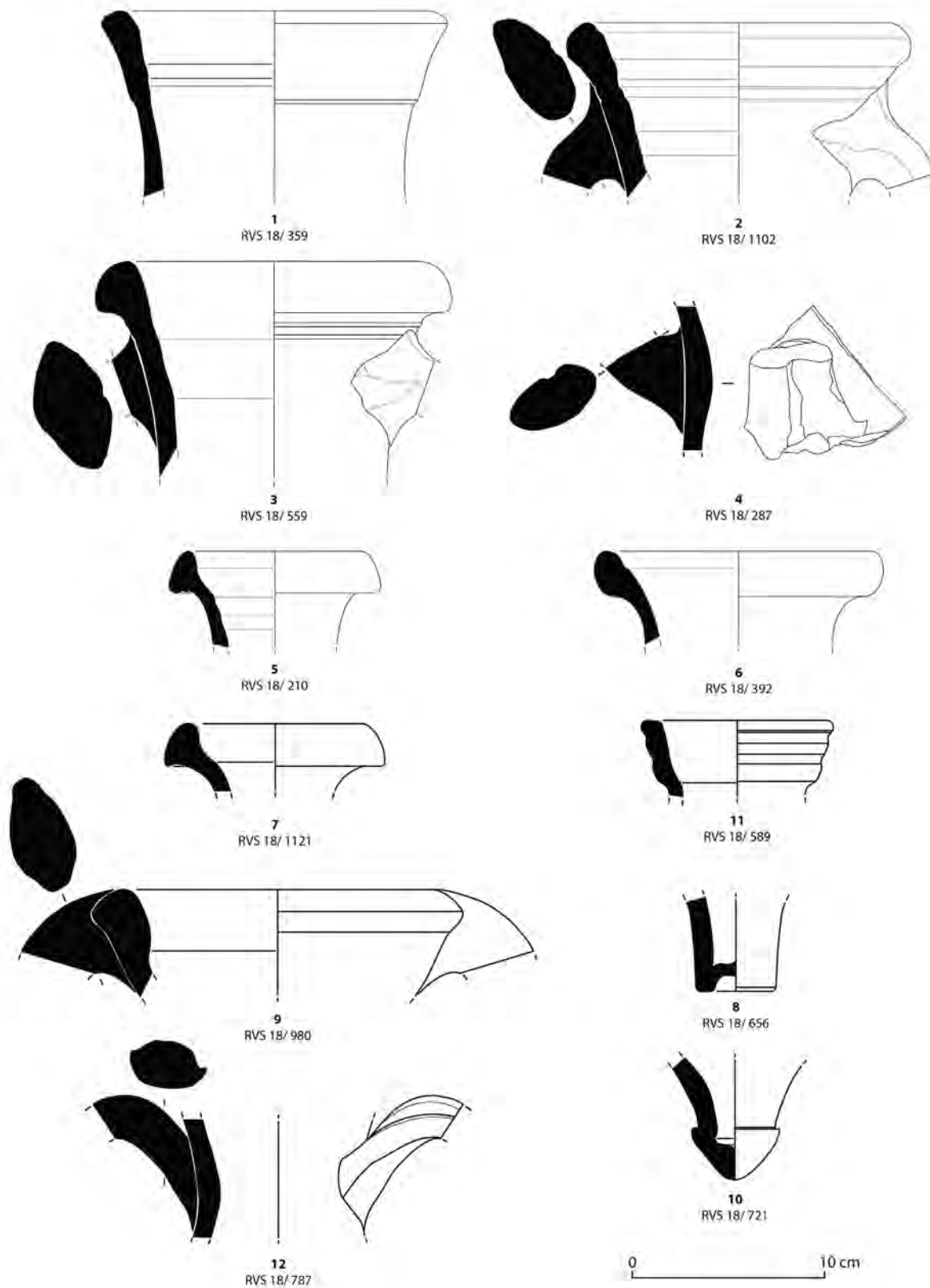


Fig. 17 - Rua Vasco Soveral, 8-12. Ânforas: 1 a 4 - Dressel 14; 5 a 8 - Almagro 51c; 9 e 10 - Almagro 50; 11 e 12 - Almagro 51a-b. Desenhos de Teresa Rita Pereira.

contendo materiais heterogêneos, da época romana, foram abertas fossas preenchidas por lixos domésticos durante o período taifa-almorávida (C.6A).

Setúbal, não detendo condições naturais ou artificiais de defesa, seria, no período islâmico, constituída por um aglomerado populacional com vocação marítima, possuindo condições portuárias de excelência face ao *hisn* de Palmela, proporcionadas pela sua ampla baía. O crescimento urbano de Setúbal estaria, porém, fortemente condicionado, sendo o castelo de Palmela o centro de referência estratégico-militar desta área, bem como a fortificação de Alcácer do Sal (Fernandes 2005).

As intervenções arqueológicas desenvolvidas no Centro Histórico têm vindo a revelar, ainda que paulatinamente, a presença de uma aldeia de cronologia islâmica. A par dos achados na Praça de Bocage e no Largo da Misericórdia, datados dos finais do século XI-inícios do século XII, salientam-se as estruturas de cais palafíticos na margem da baía - Avenida Luísa Todi (Soares 2000) -, bem como a necrópole islâmica da Rua Francisco Augusto Flamengo, cuja datação radiocarbónica está compreendida entre os finais do século X e meados do século XII (Tavares da Silva *et al.* 2010, 2014). Mais recentemente, na Rua António Joaquim Granjo, foram registadas estruturas negativas, com depósitos de detritos domésticos cronologicamente atribuíveis ao século XI-XII (Duarte 2018).

3.3.1. CERÂMICA ISLÂMICA

A fossa com lixos domésticos da C.6A integra 89 fragmentos cerâmicos (NMI= 65) atribuíveis ao século XI-XII (Quadro 5). O espólio oferece carácter doméstico, predominando a cerâmica comum, em que as formas de cozinha alcançam 34,83% (panelas 16 - 17,98%; caçoilas 13 - 14,61%; alguidares 2 - 2,25%) (fig. 18, nºs 3 a 7). A cerâmica de mesa está representada por fragmentos de bule, copo, jarrinha, púcaro e tigela em um total de 11 recipientes (12,36%). A cerâmica de armazenamento, com 7 exemplares (7,87%), distribui-se pelas formas de bilha, cântaro e pote. Ainda que residual, destacamos a presença de cerâmica de iluminação (1,12%) - fragmento de candil (fig. 18, nº 9) com paralelos em exemplar proveniente de Mértola, Tipo 1F dos candis (CR/CF/0015) datado de finais do século XI e século XII (Gómez 2006: 433); a actividade lúdica está representada por malha de jogo de contorno circular. O grupo de *diversos* contempla fragmentos de recipientes indeterminados com decoração pintada

a branco (24 - 26,97%) e 9 testos (10,11%) (fig. 18, nº 8). A cerâmica vidrada, apesar de pouco expressiva, surge sob a forma de taças vidradas a castanho melado e a verde (4,49%) (fig. 18, nº 1-2); a cerâmica esmaltada ocorre sob a forma de copo esmaltado a verde (1,12%).

3.4. IDADE MÉDIA CRISTÃ

Durante a Idade Média cristã a área do lote foi utilizada possivelmente como horta. Esta fase, sem edificações, corresponde ao espesso paleossolo da C.5; pode ser datada entre o final do Período Islâmico (século XII) e o século XV/XVI, quando o lote recebe entulhos (C.4C) previamente à construção do edifício da Época Moderna. O espólio recolhido no sedimento do paleossolo (C.5) corresponde, maioritariamente, a cerâmica comum com predomínio das formas de cozinha e atribuição cronológica ao século XV (fig. 19).

3.5. ÉPOCA MODERNA

Na Época Moderna foi edificada uma construção habitacional, muito provavelmente em finais do século XVI. A ela correspondem o embasamento dos muros exteriores do edifício em reabilitação e o muro interior (m.1), bem como os pisos de argamassa das camadas 4A e 4B que faziam corpo com o revestimento parietal do m.1. Os materiais que foram exumados da camada de regularização (C.4C) para o assentamento dos pisos de argamassa (Cs.4A e 4B) pertencem, maioritariamente, a cerâmica comum de contextos domésticos (fig. 20, nºs 2 e 3). A cerâmica de importação, apesar de residual, está representada por fragmento de majólica italiana de Montelupo (fig. 20, nº1). O piso de argamassa (C.4A) incorporou escassos fragmentos de recipientes cerâmicos de finais do século XVI: prato esmaltado a verde, fragmento de recipiente de cerâmica modelada, púcaro e panela em cerâmica comum (fig. 21).

3.5.1. MURO 1. ÉPOCA MODERNA

Muro de orientação norte-sul que atravessa transversalmente o lote intervencionado. Possui cerca de 4 metros de comprimento por 0,60 m de largura. É constituído por blocos médios e grandes de calcário comum, calcarenito do Miocénico, brecha da Arrábida e fragmentos de mármore branco reaproveitados, ligados por argamassa de cal e areia.

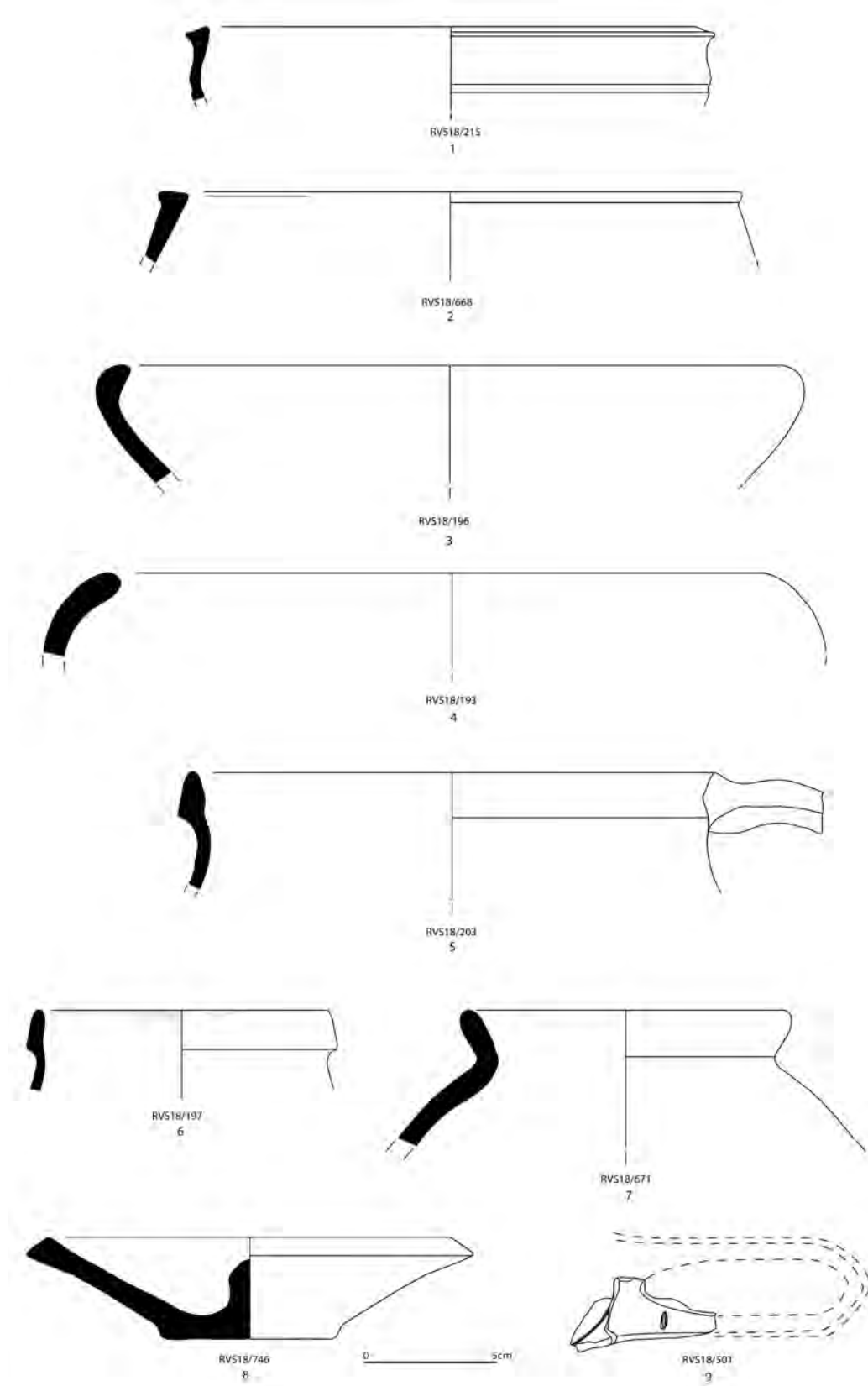


Fig. 18 - Rua Vasco Soveral, 8-12. Fossa islâmica (C.6A) com espólio dos séculos XI-XII. Cerâmica vidrada: 1 - taça vidrada a castanho melado; 2 - taça vidrada a verde. Cerâmica comum: 3 e 4 - caçoilas; 5 a 7 - painelas; 8 - testos; 9 - fragmento de candil. Desenhos de Susana Duarte e Teresa Rita Pereira.

	N	%
Cerâmica comum	84	94,38
<i>Cerâmica de cozinha</i>	31	34,83
Alguidar	2	2,25
Caçoila	13	14,61
Panela	16	17,98
<i>Cerâmica de mesa</i>	11	12,36
Bule	1	1,12
Copo	2	2,25
Jarrinha	3	3,37
Púcaro	4	4,49
Tigela	1	1,12
<i>Cerâmica de armazenamento</i>	7	7,87
Bilha	4	4,49
Cântaro	2	2,25
Pote	1	1,12
<i>Cerâmica de iluminação</i>	1	1,12
Candil	1	1,12
<i>Atividade lúdica</i>	1	1,12
Malha de jogo	1	1,12
<i>Diversos</i>	33	37,08
Testo	9	10,11
Forma ind. com pintura	24	26,97
Cerâmica esmaltada	1	1,12
<i>Cerâmica de mesa</i>	1	1,12
Copo	1	1,12
Cerâmica vidrada	4	4,49
<i>Cerâmica de mesa</i>	4	4,49
Taça	4	4,49
Total	89	100

Quadro 5 - Rua Vasco Soveral. Distribuição da cerâmica islâmica (C.6A) pelas categorias tecnológicas de produção cerâmica e respectivos grupos de carácter funcional.

Com este muro encontrava-se conectada uma soleira revestida por tijoleiras e adossada ao paramento ocidental. O vão por ela servido encontrava-se fechado, o que sugere uma desanexação do sector nascente do R/C do imóvel, com ligação directa ao arruamento. O muro 1, ligado às paredes exteriores do imóvel em reabilitação, fez parte do edifício construído nos finais do século XVI, cujo primeiro piso corresponde à camada 4A. O mesmo muro manteve-se em utilização até à actualidade.

3.5.2. EDIFÍCIO DOS SÉCULOS XVII/XVIII

Corresponde-lhe o piso de tijoleira das Cs.3A e 3B. Associados a este piso, foram recolhidos fragmentos cerâmicos que podem ser datados do século XVIII. A camada de enchimento (C.3C) para o assentamento do piso de tijoleira continha fragmentos cerâmicos com atribuição cronológica aos

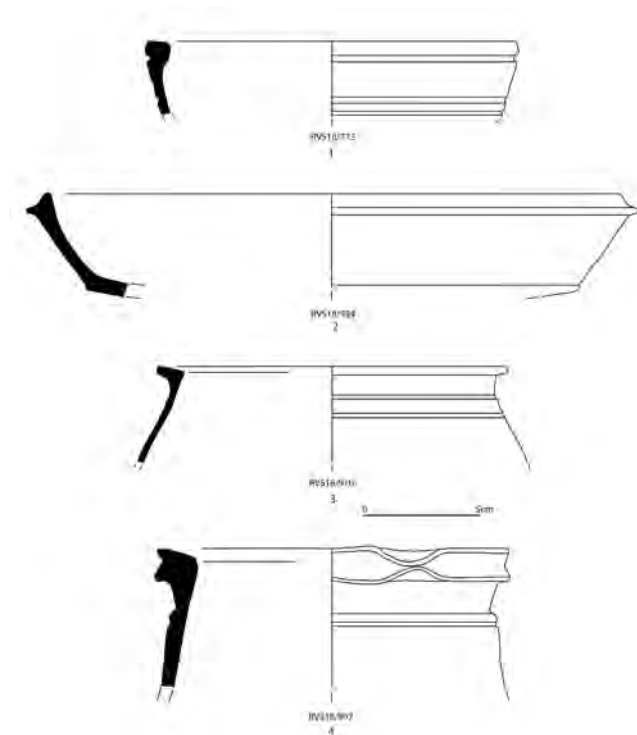


Fig. 19 - Rua Vasco Soveral, 8-12. Paleossolo (C.5). Cerâmica comum do século XV: 1 - tigela; 2 - caçoila; 3 e 4 - panelas. Desenhos de Susana Duarte.

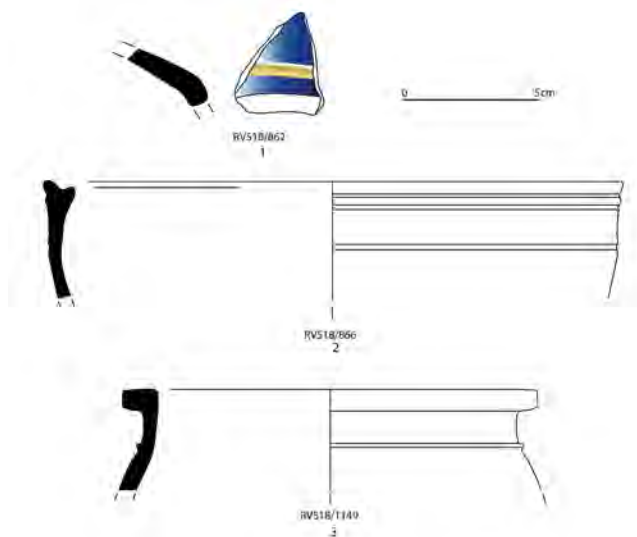


Fig. 20 - Rua Vasco Soveral, 8-12. C.4C. Cerâmicas do século XV-XVI: 1 - majólica italiana de Montelupo; 2 - caçoila em cerâmica comum; 3 - panela em cerâmica comum. Desenhos de Susana Duarte.

finais do século XVI-inícios do século XVII. A cerâmica comum detém as formas usuais de contextos domésticos. Salienta-se a presença de cerâmica esmaltada na forma de escudelas carenadas, podendo

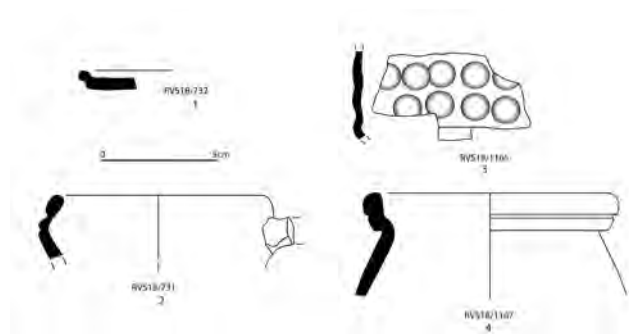


Fig. 21 - Rua Vasco Soveral, 8-12. C.4A (piso de argamassa). Recipientes cerâmicos de finais do século XVI: 1 - prato esmaltado a verde; 2 - púcaro em cerâmica comum; 3 - fragmento de recipiente de cerâmica modelada; 4 - panela em cerâmica comum. Desenhos de Susana Duarte.

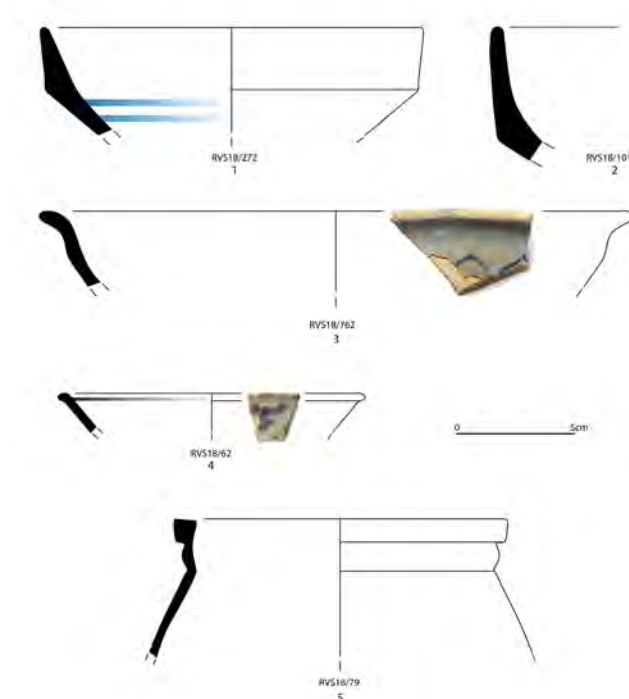


Fig. 22 - Rua Vasco Soveral, 8-12. C.3C (enchimento de regularização para assentamento do piso de tijoleira C.3A). Finais do século XVI - inícios do século XVII. Cerâmica esmaltada a branco estanífero: 1 e 2 - escudelas carenadas. Cerâmica de importação: 3 - majólica da Ligúria (taça) com esmalte berettino; 4 - porcelana chinesa (taça) da dinastia Ming. Cerâmica comum: 5 - panela. Desenhos de Susana Duarte e fotos de Arquivo MAEDS.

ostentar duas linhas concêntricas no interior (fig. 22, nºs 1 e 2) (Duarte - Tavares da Silva 2014). A cerâmica de importação está representada por uma taça de majólica italiana da Ligúria com esmalte berettino (Carta 2008) e taça de porcelana chinesa da dinastia Ming (fig. 22, nºs 3 e 4).

3.6. SISMO DE 1755 (?)

Talvez por efeito do sismo de 1755, tombaram blocos das paredes do edifício sobre o piso de tijoleira, cujo impacto criou “crateras” no mesmo. A reparação dessas depressões mostra que o pavimento continuou a ser utilizado sem grandes soluções de continuidade. O espólio proveniente da C.2B, que assentava sobre o piso de tijoleira, integrava cerâmica dos finais do século XVII da qual salientamos prato em faiança com decoração a azul e violeta de manganês com motivo de folhas de acanto (fig. 23, nº2) e fragmento de recipiente fechado, em faiança, com decoração vegetalista(?) a azul de cobalto e violeta de manganês com atribuição cronológica aos finais do século XVII/ primeira metade do século XVIII (fig. 23, nº3) (cf. Casimiro 2013). Estas faianças têm surgido em contextos da área urbana de Setúbal associados ao momento catastrófico do sismo de 1755 que ficou documentado na estrutura subterrânea de armazenagem de um imóvel residencial da Avenida Luísa Todi, 170-178 (Soares - Duarte - Tavares da Silva 2018) e no pavimento destruído escavado na Rua Álvaro Castelões (Duarte - Soares - Tavares da Silva 2014).

3.7. ÉPOCA CONTEMPORÂNEA

No momento pós-sismo, em algumas fachadas de edifícios civis do Centro Histórico de Setúbal foram colocados “registos” de azulejo de carácter devocional invocando, perante uma entidade de culto (santo), a proteção no âmbito de catástrofes (Coelho-Soares 2005-2007).

Na C.2B, correlacionada com a colocação do pavimento de soalho, surgiu uma tigela com decoração a castanho, produção da fábrica de loiça de Sacavém, divulgada entre 1910-1918 (fig. 23, n.º 1).

Em data posterior a 1926, o pavimento de tijoleira é substituído por soalho e respectiva caixa de ar (Cs.2A e 2B), e este, por pavimento de mosaico hidráulico, em meados do século XX. Finalmente, um pavimento cerâmico completa as alterações que o edifício quinhentista foi paulatinamente sofrendo.

4. CONCLUSÕES

A intervenção arqueológica na Rua Vasco Soveral 8-12 não revelou vestígios de ocupação *in situ* datados da Idade do Ferro; os escassos fragmentos cerâmicos desse período, remobilizados por agentes

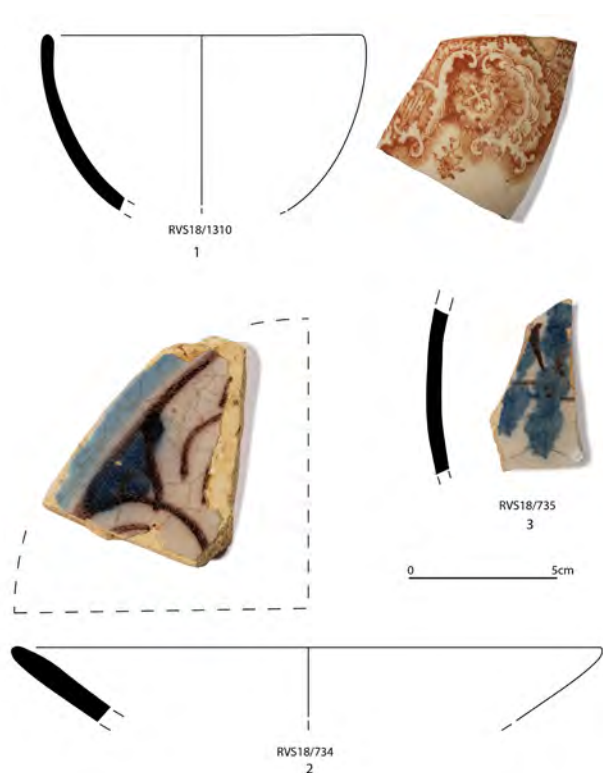


Fig. 23 - Rua Vasco Soveral, 8-12. Faiança proveniente da C.2B: 1 - tigela com decoração a castanho, da Fábrica de Loiça de Sacavém, em uso entre 1910 e 1918; 2 - prato com decoração a azul e violeta de manganês com motivo de folhas de acanto dos finais do século XVII; 3 - fragmento de recipiente fechado com decoração vegetalista (?) a azul de cobalto e violeta de manganês (finais do século XVII - primeira metade do século XVIII). Desenhos de Susana Duarte e fotos de A. Coelho-Soares.

naturais de áreas de cota mais elevada, corroboram o elevado grau de erosão do estrato sidérico, já anteriormente observado na Colina de Santa Maria (Tavares da Silva - Coelho-Soares - Duarte 2018). Embora escassas, essas cerâmicas (fig. 6) foram atribuídas ao círculo orientalizante ocidental e marítimo comandado por *Gadir* (Mayet - Tavares da Silva 2000). Tal como em outras intervenções arqueológicas na Colina de Santa Maria (Soares - Tavares da Silva 1986), verificou-se no nosso lote um hiato correspondente à II Idade do Ferro, época que continua por identificar na área urbana de Setúbal.

O período romano alto-imperial encontra-se representado por um tanque de função indeterminada integrável no horizonte de ocupação a que pertencem escassas ânforas importadas da Bética Costeira (formas Dressel 7-11 e Beltrán II), a ânfora Dressel 14 de produção local/regional, *terra sigillata* sudgálica, rara *terra sigillata* hispânica e

cerâmica de paredes finas. De notar que a escassez de *terra sigillata* hispânica já havia sido notada em Setúbal (cf. Tavares da Silva 2018a), o que foi interpretado como o resultado da periferização de *Caetobriga* face à capital da Lusitânia; haveria uma maior conexão, por via marítima, com a Bética, particularmente com *Gades*. O referido tanque recebe um segundo pavimento e persiste em utilização até ao Baixo Império, finais do século IV/século V, fase em que o espaço intervencionado se comporta como vazadouro de entulhos, com prévia remoção (para reutilização) de materiais pétreos resultantes da destruição de *domus* do século II (capitel corintizante, *tessellae*, estuques pintados, fragmentos de mármore branco e verde *cippolino*, numerosos *imbrices*, cujo peso ultrapassava as duas toneladas, alguns deles com marca de oleiro), como a identificada na Rua António Joaquim Granjo.

Na cultura material exumada destacam-se alguns materiais de construção pouco comuns: “lingotes” em calcário, mármore e “verde *cippolino*” paralelepípedicos, de secção transversal quadrangular, formatados para a extracção de tesselas, comprovando que, no mínimo, alguns dos mosaicos ou, pelo menos, trabalhos de reparação dos mesmos eram executados localmente; *imbrices*, alguns dos quais com marcas de oleiro; capitel corintizante, testemunho eloquente da “aristocracia mercantil” residente em *Caetobriga*.

A escavação na Rua Vasco Soveral veio também dilatar o magro registo empírico relativo à ocupação muçulmana de Setúbal, sem construções pétreas, mas com a presença de estruturas de rejeição de lixos domésticos.

Durante a Idade Média cristã, o nosso lote deverá ter sido usado como horta ou logradouro, o que originou a formação de um espesso paleossolo, documentando a prática agrícola de subsistência familiar intra-muros. Só no século XVI, o espaço parece ter sido plenamente urbanizado, com arruamentos e lotes edificados, contíguos, sendo cada unidade, regra geral, constituída por loja e sobrado, como no caso em análise.

O sismo de 1755 parece ter deixado as suas marcas, que teriam sido reparadas sem alteração da configuração da malha edificada.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a colaboração prestada durante os trabalhos de campo a Júlio Costa, técnico de Arqueologia do MAEDS, que

com a sua vasta experiência muito contribuiu para a análise estratigráfica e para o levantamento gráfico dos respectivos perfis, ao Senhor Sidónio Emídio, encarregado da obra, Eng^a. Ana Carvalho, ambos sempre disponíveis para atender às necessidades do bom desenvolvimento dos trabalhos. Na actividade de laboratório contámos com a colaboração das técnicas de restauro e inventário do MAEDS, Paula Palmeira e Virgínia Ajuda e ainda de Fernanda Fino, a quem endereçamos os nossos agradecimentos. Finalmente, o nosso reconhecimento vai para Bárbara Polyak pela elaboração do abstract e para Françoise Mayet que confirmou a origem exógena dos *imbrices* com marca de oleiro, muito provavelmente de proveniência Bética, bem como a sua leitura enquanto *tria nomina*.

Notas

⁴ - "Sunt autem, quae idem columnis imponuntur, capitolorum genera variis vocabulis nominata" (Granger 1995: 210).

⁵ - Sobre este tema dos modelos cartonados, cf. Sauron 1979: 204 e ss. e Pensabene 1979: 189.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AHRENS, S. (2002) - Arquitectura y decoración arquitectónica de época paleocristiana y visigoda en Itálica (Santiponce, prov. Sevilla). *Romula* 1: 107-124.
- ARRUDA, A.M. (1999-2000 [2002]) - *Los Fenícios em Portugal: Fenícios y mundo indígena em el Centro y Sur de Portugal*. Barcelona.
- BOST, J-P. - CAMPO, M. - COLLS, D. - GUERRERO, V. - MAYET, F. (1992) - *L'épave Cabrera III (Majorque)*. Paris.
- CAETANO, M.^a T. (2007) - *Opera Mvsiva: Uma breve reflexão sobre a origem, difusão e iconografia do mosaico romano*. *Revista de História de Arte* 3: 53-84.
- CAETANO, M.^a T. (2014) - A "proto-indústria" do mosaico romano. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 17: 207-219.
- CARTA, R. (2008) - *Difusión e influencia de la producción de la cerámica italiana entre la baja Edad Media y la primera Edad Moderna. El caso de Granada*. Tese apresentada na Universidade de Granada. <http://hdl.handle.net/10481/2018>
- CASIMIRO, T. M. (2013) - Faiança portuguesa: datação e evolução crono-estilística. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 14: 355-373.
- COELHO, A. G. (1980) - *A cartografia geotécnica no planeamento regional e urbano. Experiência de aplicação na região de Setúbal*. Lisboa.
- COELHO-SOARES, A. (2005/2007) - Para o inventário do património azulejar de Setúbal: "registos" de azulejos setecentistas em edifícios civis. *Musa. Museu, Arqueologia & Outros Patrimónios* 2: 133-148.
- COSTA, J. M. da (1960) - *Novos elementos para a localização de Cetóbriga. Os achados romanos na cidade de Setúbal*. Setúbal.
- CRAWFORD, M. H. (1974) - *Roman Republican Coinage. I. Introduction and Catalogue; II. Studies, Plates and Indexes* (2 vol.). Cambridge.
- DENEUVE, J. (1969) - *Lampes de Carthage*. Paris.
- DOMINGO MAGAÑA, J. Á. (2011) - *Capiteles Tardorromanos y Visigodos en la Península Ibérica (siglos IV-VIII d.C.)*. Tarragona (*Institut Català d'Arqueologia Clàssica. Documenta* 13).
- DUARTE, S. (2018) - Ocupação do Período Islâmico. In TAVARES DA SILVA, C. (coord.) - *Caetobriga. O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos (Setúbal Arqueológica* 17). Setúbal: 207-228.
- DUARTE, S. - TAVARES DA SILVA, C. (2014) - Faianças portuguesas em contextos de lixeira da Setúbal Moderna. *Musa. Museu, Arqueologia e Outros Patrimónios* 4: 215-228.
- DUARTE, S. - SOARES, J. - TAVARES DA SILVA, C. (2014) - Intervenção arqueológica na Rua Álvaro Castelões n.ºs. 38 e 40 (Setúbal) e sismo de 1755. *Setúbal Arqueológica* 15: 341-372.
- FABIÃO, C. - GUERRA, A. - ALMEIDA, J. - ALMEIDA, R. R. - PIMENTA, J. - FILIPE, V. (2016) - *Marcas de ânforas romanas na Lusitânia (do Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa ao Museu Nacional de Arte Romano de Mérida)*. Lisboa.
- FERNANDES, I. C. (2005) - Aspectos da litoralidade do Gharb Al-Andalus: os portos do baixo Tejo e do baixo Sado. *Arqueologia Medieval* 9: 47-60.
- FERNANDES, L. (1997) - *Capitéis Romanos da Lusitânia Ocidental*. Dissertação de Mestrado em História de Arte apresentada à F.C.S.H. da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.
- FERNANDES, L. (1999) - Elementos arquitectónicos de época romana da Casa dos Bicos - Lisboa. *Conímbriga* XXXVIII: 113-135.
- FERNANDES, L. (2003) - Capitéis romanos da Igreja de St^a Maria da Alcáçova em Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia* XXIV: 65-80.
- FERNANDES, L. (2012) - A decoração arquitectónica de época romana: aspectos de centralidade / descentralidade na região ocidental da província da Lusitânia. *Revista Cira Arqueologia* 1: 131-148.
- FERREIRA, M. A. (2012) - Vidro arqueológico da Casa Gouveia (Évora): do vidro romano ao vidro industrial. *Portvgalia* 33: 73-106.

- GENIN, M. (2007) - *La Graufesenque (Milau, Aveyron). Sigillées lisses et autres productions*. Milau.
- GÓMEZ, S. (2006) - *Cerámica islámica de Mértola. Producción y comercio*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade Complutense de Madrid. Madrid.
- GRANGER, F. (Trad.) (1995) - *Vitruvius on Architecture*. Londres.
- GUTIERREZ-BEHMERID, M. A. (1992) - *Capiteles Romanos de la Península Ibérica*. Valladolid (*Studia Archaeologica* 81).
- HAYES, J. W. (1972) - *Late Roman Pottery. A catalogue of roman fine wares*. Londres.
- HAUSCHILD, T. (1968) - *Munigua. Die doppelgeschossige Halle und die Ädikula im Forumsgebiet* 9: 262-288.
- LANCHA, J. (1994) - Les mosaïstes dans la partie occidentale de l'Empire romain. *Cuadernos Emeritenses* 8: 121-136.
- MAYET, F. (1975) - *Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique*. Paris.
- MAYET, F. - TAVARES DA SILVA, C. (1998) - *L'atelier d'amphores de Pinheiro (Portugal)*. Paris.
- MAYET, F. - TAVARES DA SILVA, C. (2000) - *L'établissement phénicien d'Abul (Portugal). Comptoir et sanctuaire*. Paris.
- MAYET, F. - TAVARES DA SILVA, C. (2002) - *L'atelier d'amphores d'Abul (Portugal)*. Paris.
- MAYET, F. - TAVARES DA SILVA, C. (2010) - Production d'amphores et production de salaisons de poisson: rythmes chronologiques sur l'estuaire du Sado. *Conimbriga* 49: 119-132.
- MAYET, F. - TAVARES DA SILVA, C. (2016) - Roman amphora production in the lower Sado region. In PINTO, I.V. - ALMEIDA, R. R. - MARTIN, A. (eds.) - *Lusitanian amphorae: production and distribution*. Oxford: 59-71.
- MAYET, F. - SCHMITT, A. - TAVARES DA SILVA, C. (1996) - *Les amphores du Sado, Portugal: prospection des fours et analyse du matériel*. Paris.
- PENSABENE, P. (1973) - *Scavi di Ostia - I Capitelli*. Roma.
- PEREIRA, M.^a L. E. V. (1974-77) - Marcas de oleiros algarvios do período romano. *O Arqueólogo Português* III 7-9: 243-268.
- RONCZEWSKY, K. (1923) - *Variantes libres de chapiteaux romains*. Roma (*Acta Universitatis Latviensis* VIII).
- RUEDA ROIGÉ, F.-J. (2002-2003) - El mosaico de las Estaciones de la Casa de Hilas, en Itálica Nueva interpretación iconográfica. *Locvs Amoevus* 6: 7-20.
- SAURON, G. (1979) - Les modèles funéraires classiques de l'art décoratif néo-attique. *Mélanges de l'école française de Rome* 91-1: 183-236.
- SOARES, J. (2000) - Arqueologia urbana em Setúbal: problemas e contribuições. *Trabalhos de Arqueologia* 14: 101-130.
- SOARES, J. (2008) - Economia do estuário do Sado. Breve introdução diacrónica. In SOARES, J. (ed.) - *Embarcações tradicionais. Contexto físico-cultural do estuário do Sado*. Setúbal: 31-78.
- SOARES, J. (2018a) - Preexistências de Setúbal: O compromisso do MAEDS com a memória da cidade. In TAVARES DA SILVA, C. (coord.) - *Caetobriga. O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos*. Setúbal (*Setúbal Arqueológica* 17): 9-10.
- SOARES, J. (2018b) - Ocupação da Alta Idade Média. Sepultura E7. Cronologia e arquitectura. In TAVARES DA SILVA, C. (coord.) - *Caetobriga. O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos*. Setúbal (*Setúbal Arqueológica* 17): 175-179.
- SOARES, J. - TAVARES DA SILVA, C. (1986) - Ocupação pré-romana de Setúbal: escavações arqueológicas na Travessa dos Apóstolos. *Trabalhos de Arqueologia* 3: 87-101.
- SOARES, J. - TAVARES DA SILVA, C. (2018a) - Enquadramento Paleogeográfico. In TAVARES DA SILVA, C. (coord.) - *Caetobriga. O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos*. Setúbal (*Setúbal Arqueológica* 17): 43-54.
- SOARES, J. - TAVARES DA SILVA, C. (2018b) - Introdução. Caetobriga: uma cidade fabril e polinucleada na foz do Sado. In TAVARES DA SILVA, C. (coord.) - *Caetobriga. O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos*. Setúbal (*Setúbal Arqueológica* 17): 11-42.
- SOARES, J. - DUARTE, S. - TAVARES DA SILVA, C. (2018) - Arqueologia urbana e o sismo de 1755. O contexto da Av. Luísa Todi 170-178, Setúbal. *Musa* 5: 79-100.
- SOUSA, E. (2014) - *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo*. Lisboa.
- TAVARES DA SILVA, C. (1966) - Necrópole luso-romana de S. Sebastião (Setúbal). *Lucerna* 5: 572-577.
- TAVARES DA SILVA, C. (1989) - O Largo e a Igreja de Jesus de Setúbal: uma abordagem arqueológica. In *Convento de Jesus 500 anos. Arqueologia e História*. Setúbal: 5-21.
- TAVARES DA SILVA, C. (1996) - Produção de ânforas na área urbana de Setúbal: a oficina romana do Largo da Misericórdia. In FILIPE, G. - RAPOSO, J. (coord.) - *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado. Actas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Seixal: 43-54.
- TAVARES DA SILVA, C. (coord.) (2018a) - *Caetobriga. O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos*. Setúbal (*Setúbal Arqueológica* 17).
- TAVARES DA SILVA, C. (2018b) - Ocupação da Idade do Ferro. In TAVARES DA SILVA, C. (coord.) - *Caetobriga*.

O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos. Setúbal (*Setúbal Arqueológica* 17): 65-79.

TAVARES DA SILVA, C. - COELHO-SOARES, A. (1980-1981) - A Praça de Bocage (Setúbal) na Época Romana. Escavações Arqueológicas de 1980. *Setúbal Arqueológica* 6-7: 249-294.

TAVARES DA SILVA, C. - COELHO-SOARES, A. (2014) - Preexistências de Setúbal. A ocupação da época romana da Travessa de João Galo, n.ºs. 4-4B. *Setúbal Arqueológica* 13: 101-122.

TAVARES DA SILVA, C. - COELHO-SOARES, A. - DUARTE, S. (2018) - Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua Arronches Junqueiro, 32-34. *Musa. Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios* 5: 51-78.

TAVARES DA SILVA, C. - COELHO-SOARES, A. - SOARES, J. - (1986) - Fábrica de salga da Época Romana da Travessa de Frei Gaspar, Setúbal. *Trabalhos de Arqueologia* 3: 155-160.

TAVARES DA SILVA, C. - SOARES, J. (1993) - *Ilha do Pessegueiro. Porto romano da costa alentejana*. Lisboa.

TAVARES DA SILVA, C. - SOARES, J. - COELHO-SOARES, A. (1992) - Estabelecimento de produção de salga da Época Romana na Quinta do Marim (Olhão). Resultados preliminares das escavações de 1988-89. *Setúbal Arqueológica* 9-10: 335-374.

TAVARES DA SILVA, C. - SOARES, J. - WRENCH, L. N. C. (2010) - Os primeiros mosaicos romanos descobertos em *Caetobriga*. *Musa* 3: 149-164.

TAVARES DA SILVA, C. - SOARES, J. - WRENCH, L.N.C. (2011) - Les premières mosaïques romaines découvertes à Caetobriga (Setúbal, Portugal). In MUSTAFA, S. (ed.) - *Mosaics of Turkey and Parallel Developments in the Rest of the Ancient and Medieval World: Questions of Iconography, Style and Technique from the Beginnings of Mosaic until the Late Byzantine Era (International Colloquium on Ancient Mosaics)*. Istanbul: 295-308.

TAVARES DA SILVA, C. - SOARES, J. - COELHO-SOARES, A. - DUARTE, S. - GODINHO, R. M. (2010) - Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua Francisco Augusto Flamengo, nos 10-12. *Musa* 3: 165-178.

TAVARES DA SILVA, C. - SOARES, J. - COELHO-SOARES, A. - DUARTE, S. - GODINHO, R.M. (2014) - Preexistências de Setúbal. 2ª campanha de escavações arqueológicas na Rua Francisco Augusto Flamengo, n.ºs. 10-12. Da Idade do Ferro ao Período Medieval. *Musa. Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios* 4: 161-214.

TAYLOR, R. - ONTIVEROS, E. - LOZA, M.ª L. - BELTRÁN, J. (2017) - *Marmora Lusitana* en la Bética romana. *DigitAR - Revista Digital de Arqueología, Arquitectura e Artes* 4: 23-31.

VAZ, J. - SALGADO, J. (1987/1988) - *Livro das Moedas de Portugal*. Braga.

OPHIUSSA

POLÍTICA EDITORIAL

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa foi iniciada em 1996, tendo sido editado o volume 0. A partir do volume 1 (2017) é uma edição impressa e digital da UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

O principal objectivo desta revista é a publicação e divulgação de trabalhos com manifesto interesse, qualidade e rigor científico sobre temas de Pré-História e Arqueologia, sobretudo do território europeu e da bacia do Mediterrâneo.

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa publicará um volume anual. A partir de 2018, os artigos submetidos serão sujeitos a um processo de avaliação por parte de revisores externos (*peer review*). O período de submissão de trabalhos decorrerá sempre no primeiro trimestre e a edição ocorrerá no último trimestre de cada ano.

A revista divide-se em duas secções: artigos científicos e recensões bibliográficas. Excepcionalmente poderão ser aceites textos de carácter introdutório, no âmbito de homenagens ou divulgações específicas, que não serão submetidos à avaliação por pares. Isentas desta avaliação estão também as recensões bibliográficas.

Todas as submissões serão avaliadas, em primeira instância, pela Coordenação Editorial, no que respeita ao seu conteúdo formal e à sua adequação face à política editorial e às normas de edição da revista. Os trabalhos que cumprirem estes requisitos serão posteriormente submetidos a um processo de avaliação por pares cega / *blind peer review* (mínimo de dois revisores). O Conselho Científico, constituído pela direcção da UNIARQ e por investigadores externos, acompanhará o processo de edição.

Esta etapa será concretizada por investigadores externos qualificados, sendo os respectivos pareceres entregues num período não superior a três meses. Os revisores procederão à avaliação de forma objectiva, tendo em vista a qualidade do conteúdo da revista; as suas críticas, sugestões e comentários serão, na medida do possível, construtivos, respeitando as capacidades intelectuais do(s) autor(es). Após a recepção dos pareceres, o(s) autor(es) tem um prazo máximo de um mês para proceder às alterações oportunas e reenviar o trabalho.

A aceitação ou recusa de artigos terá como únicos factores de ponderação a sua originalidade e qualidade científica. O processo de revisão é confidencial, estando assegurado o anonimato dos avaliadores e dos autores dos trabalhos, neste último caso até à data da sua publicação.

Os trabalhos só serão aceites para publicação a partir do momento em que se conclua o processo da revisão por pares. Os textos que não forem aceites serão devolvidos aos seus autores. O conteúdo dos trabalhos é da inteira responsabilidade do(s) autor(es) e não expressa a posição ou opinião do Conselho Científico ou da Coordenação Editorial. A Revista *Ophiussa* segue as orientações estabelecidas pelo Committee on Publication Ethics (COPE, Comité de Ética em Publicações): <https://publicationethics.org/>

O processo editorial decorrerá de forma objectiva, imparcial e anónima. Erros ou problemas detetados após a publicação serão investigados e, se comprovados, haverá lugar à publicação de correções, retratações e/ou respostas. As colaborações submetidas para publicação devem ser inéditas. As propostas de artigo não podem incluir qualquer problema de falsificação ou de plágio. Para efeito de detecção de plágio será utilizada a plataforma URKUNDU.

As ilustrações que não sejam do(s) autor(es) devem indicar a sua procedência. O Conselho Científico e a Coordenação Editorial assumem que os autores solicitaram e receberam autorização para a reprodução dessas ilustrações, e, como tal, rejeitam a responsabilidade do uso não autorizado das ilustrações e das consequências legais por infracção de direitos de propriedade intelectual.

É assumido que todos os Autores fizeram uma contribuição relevante para a pesquisa reportada e concordam com o manuscrito submetido. Os Autores devem declarar de forma clara eventuais conflitos de interesse. As colaborações submetidas que, direta ou indiretamente, tiveram o apoio económico de terceiros, devem claramente declarar essas fontes de financiamento.

Os textos propostos para publicação devem ser inéditos e não deverão ter sido submetidos a qualquer outra revista ou edição electrónica. Aceitam-se trabalhos redigidos em português, inglês, espanhol, italiano e francês.

Esta edição disponibiliza de imediato e gratuitamente a totalidade dos seus conteúdos, em acesso aberto, de forma a promover, globalmente, a circulação e intercâmbio dos resultados da investigação científica e do conhecimento.

A publicação de textos na *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa não implica o pagamento de qualquer taxa nem dá direito a qualquer remuneração económica.

Esta publicação dispõe de uma versão impressa, a preto e branco, com uma tiragem limitada, que será distribuída gratuitamente pelas bibliotecas e instituições mais relevantes internacionalmente, e intercambiada com publicações periódicas da mesma especialidade, que serão integradas na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Conta, paralelamente, com uma versão digital, a cores, disponibilizada no endereço www.ophiussa.letras.ulisboa.pt, onde se pode consultar a totalidade da edição.

Para mais informações: ophiussa@letras.ulisboa.pt

OPHIUSSA

EDITORIAL POLICY

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa started in 1996, with the edition of volume 0. From 2017, this journal is a printed and digital edition of UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

The main objective of this journal is the publication and dissemination of papers of interest, quality and scientific rigor concerning Prehistory and Archeology, mostly from Europe and the Mediterranean basin.

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa will publish an annual volume. From 2018, submitted articles will be subject to a peer-review evaluation process. The submission period will always occur in the first quarter of each year and the edition will occur in the last quarter.

The journal is divided into two sections: scientific articles and bibliographic reviews. Exceptionally, texts of an introductory nature may be accepted, in the context of specific tributes or divulgations, which will not be submitted to peer-review evaluation. Exemptions from this evaluation are also the bibliographic reviews.

All submissions will be considered, in the first instance, by the Editorial Board, regarding its formal content and adequacy in face of the editorial policy and the journal's editing standards. Papers that meet these requirements will subsequently be submitted to a blind peer-review process (minimum of two reviewers). The Scientific Council, constituted by the directors of UNIARQ and external researchers, will follow the editing process.

This stage will be carried out by qualified external researchers, and their feedback will be delivered within a period of no more than two months. The reviewers will carry out the evaluation in an objective manner, in view of the quality and content of the journal; their criticisms, suggestions and comments will be, as far as possible, constructive, respecting the intellectual abilities of the author (s). After receiving the feedback, the author(s) has a maximum period of one month to make the necessary changes and resubmit the work.

Acceptance or refusal of articles will have as sole factors of consideration their originality and scientific quality.

The review process is confidential, with the anonymity of the evaluators and authors of the works being ensured, in the latter case up to the date of its publication.

Papers will only be accepted for publication as soon as the peer review process is completed. Texts that are not accepted will be returned to their authors. The content of the works is entirely the responsibility of the author(s) and does not express the position or opinion of the Scientific Council or Editorial Board.

The Journal *Ophiussa* follows the guidelines established by the Committee on Publication Ethics (COPE, the Ethics Committee Publications): <https://publicationethics.org/>

The editorial process will be conducted objectively, impartially and anonymously. Errors or problems detected after publication will be investigated and, if proven, corrections, retractions and / or responses will be published. Contributions submitted for publication must be unpublished. Article submissions can not include any problem of forgery or plagiarism. In order to detect plagiarism, the URKUNDU platform will be used.

Illustrations that are not from the author(s) must indicate their origin. The Scientific Council and Editorial Board assume that the authors have requested and received permission to reproduce these illustrations and, as such, reject the responsibility for the unauthorized use of the illustrations and legal consequences for infringement of intellectual property rights.

It is assumed that all Authors have made a relevant contribution to the reported research and agree with the manuscript submitted. Authors must clearly state any conflicts of interest. Collaborations submitted that directly or indirectly had the financial support of third parties must clearly state these sources of funding.

Texts proposed for publication must be unpublished and should not have been submitted to any other journal or electronic edition. Works written in Portuguese, English, Spanish, Italian and French are accepted.

The publication of texts in *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa does not imply the payment of any fee nor does it entitle to any economic remuneration.

This edition immediately and freely provides all of its content, in open access, in order to promote global circulation and exchange of scientific research and knowledge.

This publication has a limited printed edition in black and white, which will be distributed free of charge by the most relevant international libraries and institutions, and exchanged with periodicals of the same specialty, which will be integrated in the Library of Faculdade de Letras of Universidade de Lisboa. It also has a digital version, in color, available at address <http://ophiussa.letras.ulisboa.pt>, where one can consult the entire edition.

For more information contact: ophiussa@letras.ulisboa.pt

ÍNDICE

CÉSAR NEVES - O Neolítico Médio em Portugal: percurso de investigação	5
SEBASTIÁN CELESTINO PÉREZ - ESTHER RODRÍGUEZ GONZÁLEZ - El santuario de Cancho Roano C: un espacio consagrado a Baal y Astarté	27
JOÃO PIMENTA - CARLOS TAVARES DA SILVA - JOAQUINA SOARES - TERESA RITA PEREIRA - Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos	45
GIL VILARINHO - A terra sigillata do Castro de Romariz (Santa Maria da Feira, Aveiro): da romanização ao abandono de um povoado fortificado no Noroeste Peninsular	81
ANA MARGARIDA ARRUDA - Ânforas da Quinta do Lago (Loulé, Portugal): as importações	93
FILIPA ARAÚJO DOS SANTOS - Estudos sobre a cerâmica comum da Oficina de Salga 1 de Tróia (Grândola, Portugal): contextos da primeira metade do século V	111
CATARINA FELÍCIO - FILIPE SOUSA - Dois amuletos em osso de <i>Mirobriga</i> - evidências do culto de Magna Mater?	133
TÂNIA MANUEL CASIMIRO - SARAH NEWSTEAD - 400 years of water consumption: early modern pottery cups in Portugal	145
JOAQUINA SOARES - LÍDIA FERNANDES - CARLOS TAVARES DA SILVA - TERESA RITA PEREIRA - SUSANA DUARTE - ANTÓNIA COELHO-SOARES - Preexistências de Setúbal: intervenção arqueológica na Rua Vasco Soveral 8-12	155
RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS (textos de António F. Carvalho, Victor S. Gonçalves, Francisco B. Gomes, Carlos Pereira, Jesús Acero Pérez e Carmen R. Cañas)	185
IN MEMORIAM - PEDRO MIGUEL CORREIA MARQUES (1979-2019) (texto de Amílcar Guerra) ..	211

